ALAIN

ROBBE-GRILLET

O CIÚME

ROMANCE



O Ciúme *"é um marco na história da literatura"*, Claude Simon

Tradução de Waltensir Dutra

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Alain Robbe-Grillet
O Ciúme

ROBBE-GRILLET, Alain. O Ciúme.
Título Original: La Jalousie (1957) Tradução de Waltensir Dutra. Rio, Nova Fronteira, 1986

O AUTOR E SUA OBRA

Romancista e cineasta francês, Alain Robbe-Grillet é um dos principais representantes do “Nouveau Roman”. Sua obra é notável principalmente pelo cuidado com que são eliminadas da narrativa as indicações que poderiam conduzir o romance a um resultado psicológico muito evidente. Robbe-Grillet, aparentemente, contenta-se em justapor descrições objetivas que traçam, pouco a pouco, diante do leitor, quadros concisos. As fisionomias e os gestos que animam esses quadros parecem igualmente observados pelo autor de maneira fria, sem que lhes dê um significado mais amplo. Assim, aparentemente, todo o romance forma um único jogo de cenas. Graças a essa técnica, o escritor pretende sugerir a solidão metafísica de suas personagens. Os acontecimentos e os caracteres só pouco a pouco são revelados e quase sempre de forma incompleta.

“O mundo não é nem significativo nem absurdo. Ele é, simplesmente.” Este é o postulado sobre o qual Robbe-Grillet baseia sua concepção de romance. E, pois, ao aspecto das realidades externas que ele se atêm. Certos críticos chegaram a afirmar que os romances de Robbe-Grillet nada mais são do que meras ilustrações de suas teorias.

De qualquer forma, ninguém nega sua perfeita maestria. O mérito não parece pequeno, sobretudo se se pensar no que sugere a atmosfera desses romances: a de um universo impenetrável, cuja angústia o escritor sabe dominar com uma atitude de fria lucidez. Em longo artigo para o “Dictionnaire de Littérature Contemporaine”, Grillet afirma que o “Nouveau Roman” não é uma teoria, mas sim uma busca: “... Longe de ditar regras, teorias, leis, para os outros ou para nós mesmos, nosso movimento é uma luta contra formas demasiadamente rígidas que marcavam o romance”.

Natural de Brest, Normandia, onde nasceu a 18 de agosto de 1922, Robbe-Grillet foi criado e educado em Paris. Tendo recebido, em 1945, o equivalente ao doutorado em agronomia, transferiu-se para lugares exóticos do Marrocos, Guiné e Martinica, onde trabalhou como engenheiro agrônomo, especializando-se no desenvolvimento de frutas tropicais. Depois de dez anos, abandonou a atividade científica e foi trabalhar como editor de livros numa importante editora francesa.

Já em seus primeiros romances: “Les gommes” (1953), “Le voyeur” (1955) e “La jalousie” (1957), Robbe-Grillet apresenta suas personagens unicamente por movimentos e palavras, sem explicações nem incursões na vida interior. Assim,

a forma não tem mais a função de exprimir uma realidade conhecida, mas serve, acima de tudo, para descobrir novas realidades. A ênfase dada à descrição dos objetos define esses primeiros livros. As descrições de Robbe-Grillet assemelham-se aos espaços e aos objetos da pintura moderna.

Depois de publicar “Dans les labyrinthe” (1959) e “Instantannées” (1962), Robbe-Grillet passa a desenvolver nos romances seguintes uma nova linguagem, na qual há uma proliferação de nomes e pronomes utilizados para abalar todos os conceitos aceitos de realismo e verossimilhança. Em “La maison de rendez-vous” (1965), compõe uma paródia dos romances policiais “exóticos”, cuja ação se passa em Hong Kong.

A metafísica passa a um segundo plano, enquanto se reforçam as virtudes formais entre o “Nouveau Roman” e a literatura de entretenimento. Em “L'Éden et après” (1971), Robbe-Grillet dá início a uma trilogia, que tem seqüência com “Glissements progressifs du plaisir” (1974) e “Le jeu avec le feu” (1975), na qual compara seu trabalho à música atonal de Schönberg. Finalmente, em um dos seus últimos romances publicados, “Project pour une révolution à New York”, também de 1975, constrói um tema no qual a cor vermelha significa fogo, violação e morte.

Em certa medida, a técnica literária de Robbe-Grillet tem relação com suas atividades cinematográficas. Ele foi o roteirista de “O ano passado em Marienbad” (1961), filme dirigido por Alain Resnais que marcou época no cinema francês. Depois disso, escreveu e dirigiu “L'immortelle” (1963), “Trans-Europe-Express” (1966), “L'Éden et après” (1971), “Glissements progressifs du plaisir” (1974) e “Le jeu avec le feu” (1975).

Nota do revisor: A palavra francesa “jalouise”, que o tradutor optou utilizar a palavra “gelosia” na versão em português, tem importância fundamental na narrativa, tanto que dá o título à obra no original e define uma estrutura interna ou externa. Definição tradicional: s.f. Rótula de fasquias de madeira com que se tapa o vão de uma janela; rótula, janela de rótula.. Mas também pode ser traduzida como persiana, assim como a imagem utilizada pelo ilustrador da capa da edição francesa, reproduzida na primeira página desta edição digital.

Foi adicionada ao final do livro a planta da casa onde se desenvolve a história (extraída da edição em inglês) que também ajuda a compreender melhor as descrições feitas pelas personagens.

*

Agora a sombra da coluna - a coluna que sustenta o ângulo sudoeste do telhado - divide em duas partes iguais o ângulo correspondente da varanda. Essa varanda é uma larga galeria coberta, que cerca três lados da casa. Como sua largura é igual na parte central e nas partes laterais, o traço da sombra projetada pela coluna chega exatamente à quina da casa; mas detém-se ali, pois apenas as lajes da varanda são alcançadas pelo sol, ainda demasiado alto no céu. As paredes, de madeira, da casa - isto é, a fachada e a empena ocidental - ainda estão protegidas de seus raios pelo telhado (telhado comum à casa propriamente dita e à varanda). Assim, neste instante, a sombra da beirada do telhado coincide exatamente com a linha, em ângulo reto, que formam a varanda e as duas faces verticais da quina da casa.

Agora, A... entrou no quarto, pela porta interna que dá para o corredor central. Ela não olha pela janela escancarada, por onde, da porta, veria este canto da varanda. Voltou-se agora para a porta a fim de fechá-la. Continua usando o vestido claro, de gola reta, muito justo, que vestia no almoço.

Christiane, mais uma vez, lembrou-lhe que as roupas menos apertadas permitem suportar melhor o calor. Mas A... limitou-se a sorrir: o calor não a incomodava, conheceu climas muito mais quentes na África, por exemplo - e sempre se deu bem. Aliás, também não tem medo do frio. Sente-se bem em qualquer lugar. Seus cabelos negros deslocam-se num movimento ondulante, sobre os ombros e as costas, quando ela volta a cabeça.

O grosso corrimão da balaustrada quase não tem mais pintura na parte superior. O cinzento da madeira aparece, estriado de pequenas fendas longitudinais. Do outro lado do corrimão, a dois bons metros abaixo do nível da varanda, começa o jardim.

Mas o olhar que, vindo do fundo do quarto, passa por cima da balaustrada só vai encontrar a terra, muito mais longe, do lado oposto do pequeno vale, entre as bananeiras da plantação. Não se vê o chão entre seus penachos espessos de grandes folhas verdes. Não obstante, como o cultivo desse setor é bastante recente, ainda se pode acompanhar distintamente a interseção regular das fileiras de mudas. Isso acontece também em quase toda a parte visível da concessão, pois as áreas mais antigas - nas quais a desordem passou agora a predominar - ficam situadas mais ao alto, do lado de lá da encosta, ou seja, do outro lado da casa.

É do outro lado, também, que passa a estrada, ligeiramente mais baixa do que a borda da plataforma. Essa estrada, a única que dá acesso à concessão, marca o

limite norte desta. Depois dela, uma estrada carroçável leva aos barracões e, ainda mais abaixo, à casa, em frente à qual um vasto espaço livre, de inclinação muito reduzida, permite a manobra dos veículos.

A casa está construída no mesmo nível dessa esplanada, da qual não é separada por nenhum alpendre ou galeria. Em seus três outros lados, pelo contrário, é cercada pela varanda.

A inclinação do terreno, mais acentuada a partir da esplanada, faz com que a parte central da varanda (que fica na fachada sul) seja pelo menos dois metros mais alta que o jardim.

À volta de todo o jardim, até os limites da plantação, estende-se a massa verde das bananeiras.

Tanto à direita como à esquerda sua excessiva proximidade, juntamente com a falta de elevação relativa do observador colocado na varanda, impede que se distinga bem o armamento das árvores; ao passo que, no fundo do vale, a disposição em fileiras ordenadas se impõe à primeira vista. Em certas áreas de replantio muito recente - aquelas em que a terra avermelhada mal começa a ceder lugar à folhagem - é até mesmo fácil seguir a linha regular das quatro direções entrecruzadas, segundo as quais se alinham os troncos ainda novos.

Esse exercício não é muito mais difícil, apesar do crescimento mais avançado, nas áreas que ocupam a encosta fronteira: é, com efeito, o lugar que se apresenta mais comodamente à vista, aquele que oferece menos problemas de vigilância (embora o caminho para chegar até lá seja longo), aquele que se olha naturalmente, sem pensar, por uma ou outra das duas janelas, abertas, do quarto.

Com as costas apoiadas na porta interna que acaba de fechar, A..., sem pensar, olha a madeira com a pintura gasta da balaustrada, mais perto dela o peitoril descascado da janela, e depois, ainda mais perto, a madeira lavada do soalho.

Ela dá alguns passos no quarto e aproxima-se da pesada cômoda, cuja gaveta superior abre. Mexe nos papéis, na parte direita da gaveta, inclina-se e, para ver melhor o fundo, puxa-a um pouco mais em sua direção. Depois de procurar novamente, ela se ergue e fica imóvel, com os cotovelos junto do corpo, os antebraços dobrados e escondidos pelo busto - segurando sem dúvida uma folha de papel nas mãos.

Volta-se agora para a luz, para continuar a leitura sem cansar os olhos. Seu perfil inclinado não se move. A folha é azul bem claro, no formato comum dos papéis de carta, e conserva marcas bem visíveis de ter sido dobrada em quatro.

Em seguida, segurando a carta na mão, A... fecha a gaveta, caminha para a pequena mesa de trabalho (colocada junto à segunda janela, contra a parede que

separa o quarto do corredor) e senta-se logo diante da pasta com material de escrita, de onde tira uma folha de papel azul-claro - idêntica à primeira, mas virgem. Retira a tampa da caneta e, depois de um breve olhar para o lado direito (olhar que nem mesmo alcançou o meio do vão da janela, situado mais atrás), inclina a cabeça sobre a pasta, para começar a escrever.

Os cabelos negros e brilhantes imobilizam-se, no centro das costas, que o estreito fecho metálico do vestido deixa ver um pouco mais abaixo.

Agora a sombra da coluna - a coluna que sustenta o ângulo sudoeste do telhado - alonga-se, sobre as lajes, obliquamente à parte central da varanda, diante da fachada, onde foram colocadas cadeiras para a noite. A extremidade do traço de sombra já quase alcança a porta de entrada, que marca o meio da varanda. Contra a empena oeste da casa, o sol ilumina a madeira a uma altura de aproximadamente um metro e meio. Pela terceira janela, que dá para este lado, ele entraria portanto ligeiramente no quarto, se o sistema de gelosias não tivesse sido baixado.

No outro extremo desse lado ocidental da varanda abre-se a copa. Ouve-se, pela sua porta entreaberta, a voz de A..., depois a do cozinheiro negro, loquaz e cantante, depois de novo a voz clara, medida, que dá ordens para a refeição da noite.

O sol desapareceu atrás do contraforte rochoso que marca o fim da parte mais avançada do planalto.

Sentada, de frente para o vale, numa das cadeiras de fabricação local, A... lê o romance tomado de empréstimo na véspera, de que já falaram ao meio-dia. Ela continua a leitura, sem desviar os olhos, até que a luz se torne insuficiente. Então levanta o rosto, fecha o livro - que coloca ao alcance da mão sobre a mesa baixa - e fica a olhar fixamente à sua frente, para a balaustrada vazada e as bananeiras da outra encosta, logo invisíveis na escuridão. Ela parece ouvir o ruído, que vem de todos os lados, dos milhares de grilos da baixada.

Mas é um ruído contínuo, sem variações, atordoante, onde não há nada a ouvir.

Franck está de novo presente para o jantar, sorridente, falante, afável. Christiane não o acompanhou desta vez: ficou em casa com a criança, que tinha um pouco de febre. Não é raro, atualmente, que seu marido venha assim sem ela: por causa da criança, por causa também dos problemas próprios de Christiane, cuja saúde se adapta mal a este clima úmido e quente, por causa finalmente de aborrecimentos domésticos provocados pelo excesso de criados, mal dirigidos.

Esta noite, porém, A... parecia esperá-la. Pelo menos, havia mandado colocar

quatro pratos. Dá ordem de tirar imediatamente aquele que não deve servir.

Na varanda, Franck deixa-se cair numa das cadeiras baixas e solta uma exclamação - que se tornaria costumeira - sobre o seu conforto. São cadeiras muito simples, de madeira e tiras de couro, executadas segundo as indicações de A... por um artesão do lugar. Ela se inclina para Franck, estendendo-lhe o copo.

Embora já esteja agora completamente escuro, ela pediu que não se trouxessem os lampiões, que - como diz - atraem os mosquitos. Os copos estão cheios, quase até a borda, de uma mistura de conhaque e água gasosa, na qual flutua um pequeno cubo de gelo. Para não correr o risco de derramar o conteúdo com um movimento em falso, na total obscuridade, ela aproximou-se o máximo possível da cadeira onde Franck está sentado, segurando com cuidado na mão direita o copo que lhe destina com a outra mão, apóia-se no braço da cadeira e se inclina para ele, a tal ponto que suas cabeças estão uma contra a outra. Ele murmura algumas palavras: um agradecimento, sem dúvida.

Ela se ergue com um movimento ondulante, apanha o terceiro copo - cujo conteúdo não tem medo de derramar, pois está menos cheio - e vai sentar-se ao lado de Franck, enquanto este continua a história do caminhão enguiçado que começou a contar desde a sua chegada.

Foi ela mesma quem dispôs as cadeiras, esta noite, quando mandou trazê-las para a varanda. A que indicou a Franck, e a sua, estão lado a lado, contra a parede da casa - as costas contra essa parede, evidentemente - sob a janela do escritório. Ela tem assim a cadeira de Franck à sua esquerda, e à direita - mas um pouco mais à frente - a mesinha onde estão as garrafas. As duas outras cadeiras estão colocadas do outro lado dessa mesinha, ainda mais para a direita, de maneira a não interceptar a vista que as duas primeiras têm sobre a balaustrada da varanda. Pela mesma razão, a “vista”, essas duas últimas cadeiras não estão voltadas para o resto do grupo: foram colocadas de viés, orientadas obliquamente para a balaustrada vazada e a vertente do vale. Essa disposição obriga as pessoas que nelas estão sentadas a acentuadas rotações da cabeça para a esquerda, se quiserem ver A... - sobretudo quem estiver na quarta cadeira, a mais distante.

A terceira, que é uma cadeira dobrável, de lona estendida em tubos metálicos, ocupa uma posição claramente recuada, entre a quarta cadeira e a mesa. Mas foi esta, menos confortável, que ficou vazia.

A voz de Franck continua a contar os problemas do dia em sua fazenda. A... parece interessar-se. Estimula-o de tempos em tempos com algumas palavras que mostram sua atenção. Num momento de silêncio, ouve-se o ruído de um copo

colocado sobre a mesinha.

Do outro lado da balaustrada, na direção da vertente do vale, há apenas o ruído dos grilos e a escuridão sem estrelas da noite.

Na sala de refeições brilham dois lampiões a querosene. Um está colocado na beirada do comprido aparador, próximo de sua extremidade esquerda; o outro, sobre a própria mesa, no lugar vazio do quarto conviva.

A mesa é quadrada, pois o sistema de tábuas suplementares (inútil para tão poucas pessoas) não foi usado. Os três pratos ocupam três dos lados, e o lampião, o quarto. A... está em seu lugar habitual; Franck está sentado à sua direita - portanto, de frente para o aparador.

No aparador, à esquerda do segundo lampião (isto é, do lado da porta, aberta, da copa), estão empilhados os pratos limpos que servirão durante a refeição. À direita do lampião e atrás deste - contra a parede - um cântaro de cerâmica nativa marca o meio do móvel. Mais à direita desenha-se, na pintura cinza da parede, a sombra ampliada e imprecisa de uma cabeça de homem - a de Franck. Não tem paletó nem gravata, e o colarinho de sua camisa está desabotoado; mas é uma camisa branca impecável, de tecido fino de boa qualidade, cujos punhos duplos estão presos por abotoaduras de marfim, removíveis.

A... usa o mesmo vestido do almoço. Franck quase brigou com a mulher por causa dele, quando Christiane criticou a sua forma “quente demais para este país”. A... limitou-se a sorrir: “Aliás, não me parece que o clima daqui seja assim tão insuportável”, disse ela encerrando o assunto. “Se você visse o calor que fazia, dez meses por ano, em Kanda!” A conversa girou, então, durante algum tempo, sobre a África.

O copeiro entrou pela porta da copa, segurando com as duas mãos a sopeira cheia. Nem bem ele a coloca sobre a mesa, A... lhe pede que afaste o lampião do lugar do quarto conviva, cuja luz demasiado forte - diz ela - lhe fere os olhos. O copeiro segura o lampião pela asa e o leva para o outro lado da sala, para o móvel que A… lhe indica com a mão esquerda estendida.

A mesa fica portanto mergulhada na penumbra. Sua principal fonte de luz passou a ser o lampião colocado sobre o aparador, pois o outro - na direção oposta - está agora muito mais distante.

Na parede, do lado da copa, a cabeça de Franck desapareceu. Sua camisa branca já não brilha mais, como ainda há pouco, sob a iluminação direta. Apenas sua manga direita é alcançada pelos raios, em três quartos, por trás: o ombro e o braço estão marcados por uma linha clara e o mesmo acontece, mais alto, com a orelha e o pescoço. O rosto está quase colocado contra a luz.

- Não lhe parece que ficou melhor? - pergunta A… voltando-se para ele.

- Mais íntimo, sem dúvida - responde Franck.

Ele toma a sopa com rapidez. Embora não faça nenhum gesto excessivo, embora segure a colher de maneira conveniente e engula o líquido sem fazer barulho, parece utilizar, para essa modesta tarefa, uma energia e um entusiasmo desmesurados. Seria difícil precisar onde, exatamente, ele se esquece de alguma regra essencial, em que ponto particular carece de discrição.

Embora evite qualquer falta ostensiva, ainda assim seu comportamento não passa despercebido. E, por oposição, leva a constatar que A..., pelo contrário, terminou a sopa sem dar a impressão de ter se mexido - mas também sem chamar atenção com uma imobilidade anormal. É preciso olhar para seu prato vazio, mas sujo, para nos convencermos de que não deixou de servir-se.

A memória consegue, aliás, reconstituir alguns movimentos de sua mão direita e de seus lábios, algumas idas e vindas da colher entre o prato e a boca, que podem ser considerados como significativos.

Para maior certeza ainda, basta perguntar-lhe se não lhe parece que o cozinheiro salga demais a sopa.

- Não - responde ela. - É preciso comer sal para não transpirar.

O que, se pensarmos bem, não prova de maneira absoluta que a sopa de hoje tenha lhe parecido boa.

Agora o copeiro leva os pratos. Torna-se impossível, assim, observar de novo os vestígios que sujavam o prato de A... - ou a ausência de vestígios, se ela não tivesse se servido.

A conversa voltou à história do caminhão quebrado: Franck não comprará mais, no futuro, material militar usado. As últimas aquisições causaram-lhe aborrecimentos demais; quando tiver de substituir um de seus veículos, será por um novo.

Mas ele está errado em querer confiar caminhões modernos aos motoristas negros, que os destruirão com a mesma rapidez, ou ainda mais depressa.

- De qualquer modo - disse Franck -, se o motor é novo, o motorista não terá de mexer nele.

Ele devia, porém, saber que é o contrário: o motor novo será um brinquedo ainda mais atraente, e o excesso de velocidade em estradas precárias, e as acrobacias ao volante...

Confiado nos seus três anos de experiência, Franck acha que há motoristas sérios, mesmo entre os negros. A... tem a mesma opinião, naturalmente.

Ela absteve-se de falar durante a conversa sobre a resistência comparada das

máquinas, mas a questão dos motoristas provoca, de sua parte, uma intervenção bastante longa, e categórica.

É possível, aliás, que ela tenha razão. Nesse caso, Franck deveria ter razão também.

Os dois falam agora do romance que A… está lendo, cuja ação se passa na África. A heroína não tolera o clima tropical (como Christiane). O calor parece mesmo provocar nela verdadeiras crises: - Esse tipo de coisa é mental, principalmente - diz Franck.

Faz em seguida uma alusão, pouco clara para quem não tenha sequer folheado o livro, ao comportamento do marido. Sua frase termina com “saber prendê-la” ou “saber aprendê-la”, sem que seja possível determinar com certeza de que se trata, ou de quem. Franck olha para A..., que olha para Franck. Ela lhe dirige um sorriso rápido, logo absorvido pela penumbra. Compreendeu, pois conhece a história.

Não, seus traços não se alteraram. Sua imobilidade não é assim tão recente: os lábios ficaram paralisados desde as suas últimas palavras. O sorriso fugidio devia ser apenas um reflexo do lampião, ou a sombra de uma mariposa.

De resto, ela não estava mais voltada para Franck, naquele momento. Acabava de retornar à posição normal e olhava diretamente para a frente, em direção à parede nua, onde uma mancha escura marca o lugar da lacraia esmagada na semana passada, no início do mês, no mês anterior talvez, ou em data mais remota.

O rosto de Frank, quase à contraluz, não revela a menor expressão.

O copeiro entra para tirar os pratos. A... pede-lhe, como de costume, que sirva o café na varanda.

Ali, a escuridão é total. Ninguém fala mais. O ruído dos grilos cessou. Ouvem-se apenas, aqui e ali, o grito rápido de algum carnívoro noturno, o zumbido súbito de algum escaravelho, o choque de uma pequena xícara de porcelana que é colocada sobre a mesa baixa.

Franck e A... estão sentados nas mesmas cadeiras, encostadas à parede de madeira da casa. É ainda a cadeira de estrutura mecânica que continua desocupada. A posição da quarta cadeira é ainda menos justificada, agora, não havendo mais vista para o vale. (Mesmo antes do jantar, durante o breve crepúsculo, os espaços muito estreitos da balaustrada não permitiam que se visse realmente a paisagem; e o olhar, por sobre o corrimão, alcançava apenas o céu.) A madeira da balaustrada é lisa ao tato, quando os dedos seguem o sentido dos veios e das pequenas fendas longitudinais. Uma zona escamosa vem em seguida;

depois, é de novo uma superfície lisa, mas sem linhas de orientação agora, e ocasionalmente pontilhada de asperezas ligeiras da pintura.

Durante o dia, a oposição de duas cores cinzentas - a da madeira nua e, um pouco mais clara, a da pintura que resta - desenha figuras complicadas, de contornos angulosos, quase dentes de serra. Na parte superior do corrimão, há apenas ilhas esparsas, ressaltadas, formadas pelos últimos restos da pintura. Sobre os balaústres, pelo contrário, são as regiões descascadas, muito menores e geralmente situadas a meia altura, que constituem as manchas, em depressão, onde os dedos reconhecem as fendas verticais da madeira. No limite das placas, novas escamas de tinta deixam-se levantar facilmente; basta enfiar a unha sob a borda que se desloca e forçar, dobrando a falange. A resistência mal se sente.

Do outro lado, o olhar, que se habitua à escuridão, distingue agora uma forma mais clara destacando-se contra a parede da casa: a camisa branca de Franck. Seus dois antebraços repousam totalmente nos braços da poltrona. O busto está inclinado para trás, contra o encosto.

A… cantarola uma música de dança, cujas palavras permanecem ininteligíveis. Mas Franck talvez as compreenda, se já forem do seu conhecimento, por tê-las ouvido várias vezes, talvez com ela. Talvez seja um de seus discos prediletos.

Os braços de A..., um pouco menos nítidos que os de seu vizinho por causa do tom - apesar disso, claro - do tecido, repousam igualmente nos braços da cadeira.

As quatro mãos estão alinhadas, imóveis. O espaço entre a mão esquerda de A... e a mão direita de Franck é de dez centímetros, aproximadamente. O grito não muito alto de um carnívoro noturno, agudo e rápido, ressoa de novo, lá no fundo do vale, a uma distância incalculável.

- Acho que vou embora - diz Franck.

- Nada disso - responde A... imediatamente. - É cedo ainda. É tão agradável ficar aqui, assim!

Se Franck tinha vontade de ir-se, dispunha de um bom pretexto: sua mulher e seu filho, que estão sozinhos em casa. Mas fala apenas da hora matinal em que tem de levantar-se no dia seguinte, sem qualquer alusão a Christiane. O mesmo grito agudo e breve, que se aproximou, parece agora vir do jardim, bem perto da base da varanda, do lado leste.

Como um eco, um grito idêntico lhe sucede, vindo da direção oposta. Outros respondem, mais alto, lá na estrada; e mais outros ainda, nos baixios.

Por vezes, a nota é um pouco mais grave, ou mais prolongada. Há provavelmente diferentes tipos de animais. Não obstante, todos esse gritos se

parecem; não que tenham um caráter comum, fácil de precisar; trata-se antes de uma falta comum de caráter: eles não parecem ser gritos de medo, ou de dor, ou ameaçadores, ou então de amor. São como gritos mecânicos, emitidos sem razão perceptível, nada exprimindo, assinalando apenas a existência, a posição e os deslocamentos respectivos de cada animal, cujo trajeto pela noite vão marcando.

- Apesar disso - diz Franck -, acho que vou mesmo.

A... não diz nada. Não se mexeram, nem um, nem outro. Estão sentados lado a lado, reclinados no encosto da cadeira, com os braços estendidos sobre os descansos laterais. As quatro mãos, numa posição parecida, à mesma altura, estão alinhadas paralelamente à parede da casa.

Agora a sombra da coluna sudoeste - no ângulo da varanda, do lado do quarto - projeta-se sobre a terra do jardim. O sol ainda baixo no céu, na direção do leste, atravessa o vale quase que horizontalmente. As fileiras das bananeiras, oblíquas em relação ao eixo do vale, ficam bem distintas, de todos os lados, sob essa iluminação.

Desde o fundo até o limite superior das árvores mais altas, do lado oposto àquele em que se encontra a casa, a contagem das plantas é bastante fácil; em frente da casa, sobretudo, graças ao pouco tempo de cultivo dessa área.

A depressão está limpa, aqui, na maior parte de sua largura: não resta, no momento, senão uma borda de mata de uns trinta metros, na beirada do platô, que se une ao flanco do vale por uma pequena elevação sem crista nem fenda rochosa.

O traço de separação entre a zona inculta e o bananal não é perfeitamente reto. É uma linha quebrada, de ângulos que alternadamente avançam e recuam, cada ponta pertencendo a uma parcela diferente, de idade diferente, mas de orientação quase sempre idêntica.

Bem em frente da casa, um grupo de bananeiras marca o ponto mais elevado atingido pela plantação nesse setor. A faixa que termina aqui é um retângulo. O sol já não é visível, ou quase não é, entre os penachos de folhas. Não obstante, o alinhamento impecável das bananeiras mostra que sua plantação é recente e que nenhum cacho foi ainda colhido.

A partir do grupo de plantas, o lado da vertente desse pedaço desce, fazendo um leve desvio (para a esquerda) em relação à inclinação mais acentuada. Há trinta e duas bananeiras na fileira, até o limite inferior da faixa de terra.

No prolongamento desta, para baixo, com a mesma disposição das linhas, uma outra faixa ocupa todo o espaço compreendido entre a primeira e o pequeno riacho que corre no fundo. Compreende apenas vinte e três plantas

verticalmente. É a vegetação mais avançada, apenas, que a distingue da precedente: a altura um pouco menor dos troncos, o entrelaçamento das folhas e os numerosos cachos bem-formados. Aliás, alguns cachos já foram cortados. Mas o lugar vazio do pé cortado é tão facilmente visível quanto o seria a própria bananeira, com seu penacho de grandes folhas, verde-claro, de onde sai a grossa haste vergada pelas frutas.

Além disso, em vez de ser retangular como a de cima, essa faixa tem a forma de um trapézio, pois a margem que constitui a borda inferior não é perpendicular aos seus dois lados - a jusante e a montante -, paralelos entre si. O lado direito (isto é, a jusante) tem apenas treze bananeiras, em lugar de vinte e três.

A borda inferior, finalmente, não é retilínea, como não o é o riacho: uma barriga pouco acentuada faz estreitar a faixa no meio de sua largura. A fileira média, que deveria ter dezoito plantas se fosse um trapézio verdadeiro, comporta assim apenas dezesseis.

Na segunda fileira, partindo da extrema esquerda, haveria vinte e duas bananeiras (graças à disposição em fileiras alternadas) no caso de uma faixa retangular. Teria também vinte e dois pés para uma faixa exatamente trapezoidal, sendo a redução pouco perceptível a uma distância tão curta da base. E na verdade há ali vinte e duas plantas.

Mas a terceira fileira tem apenas, também ela, vinte e duas bananeiras, em lugar das vinte e três que comportaria novamente o retângulo. Nenhuma diferença suplementar é introduzida, a esse nível, pela curva da borda. O mesmo acontece com a quarta, que compreende vinte e um pés, ou seja, um a menos que uma linha de ordem par do retângulo fictício.

A curvatura do rio entra por sua vez em jogo a partir da quinta fileira: esta, com efeito, também tem apenas vinte e uma bananeiras, quando teria vinte e duas se fosse um trapézio verdadeiro, e vinte e três, no caso de um retângulo (linha de ordem ímpar).

Esses números são teóricos, pois algumas bananeiras já foram cortadas rente ao chão, com o amadurecimento do cacho. São na realidade dezenove penachos de folhas e dois espaços vazios que constituem a quarta fileira; e, para a quinta, vinte penachos e um espaço - ou seja, de baixo para cima: oito penachos de folhas, um espaço vazio, doze penachos de folhas.

Sem nos ocuparmos da ordem em que se encontram as bananeiras realmente visíveis e as bananeiras cortadas, a sexta linha dá os números seguintes: vinte e dois, vinte e um, vinte, dezenove - que representam, respectivamente, o retângulo, o trapézio autêntico, o trapézio de beirada curva, os mesmos, por fim,

depois da dedução dos pés abatidos para a colheita.

Temos, para as fileiras seguintes: vinte e três, vinte e um, vinte e um, vinte e um. Vinte e dois, vinte e um, vinte, vinte. Vinte e três, vinte e um, vinte, dezenove, *etc*.

Na ponte de troncos que atravessa o riacho no limite ascendente dessa faixa, há um homem agachado. É um nativo, vestido com uma calça azul e uma camiseta sem cor, que lhe descobre os ombros. Está inclinado sobre a superfície líquida, como se procurasse ver alguma coisa no fundo, o que não é possível, pois a água, apesar de sua pouca profundidade, nunca é suficientemente transparente.

Naquela vertente do vale uma única faixa estende-se desde o riacho até o jardim. Apesar do ângulo bastante disfarçado sob o qual se evidencia a inclinação, as bananeiras ainda são fáceis de contar, do alto da varanda. Elas são com efeito muito novas nessa área, replantadas recentemente. Não só a regularidade é perfeita, como também os caules não têm mais de cinqüenta centímetros de altura, e as copas folhudas pelas quais terminam estão bem separadas umas das outras. Finalmente, a inclinação das linhas, em relação ao eixo do vale (cerca de quarenta e cinco graus), favorece também a enumeração.

Uma fileira oblíqua começa na ponte de troncos, à direita, e chega até o canto esquerdo do jardim. Compreende trinta e seis bananeiras em seu comprimento. A disposição em linhas alternadas permite vê-las com se estivessem alinhadas em três outras direções: a princípio, a perpendicular à primeira direção mencionada, depois duas outras perpendiculares entre elas igualmente, e formando com as duas primeiras ângulos de quarenta e cinco graus. Estas duas últimas são portanto, respectivamente, paralela e perpendicular ao eixo do vale - e à orla inferior do jardim.

O jardim, no momento, não passa de um quadrado de terra nua, recentemente lavrado, de onde surgem apenas algumas laranjeiras novas, pouco menos altas do que um homem, plantadas a pedido de A…

A casa não ocupa toda a largura do jardim.

Assim ela fica isolada, de todos os lados, da massa verde das bananeiras.

Sobre a terra nua, em frente à empena oeste, projeta-se a sombra torta da casa. A sombra do telhado é ligada à sombra da varanda pela sombra oblíqua da coluna do canto. A balaustrada forma ali uma faixa rendilhada, enquanto a distância real entre os balaústres é pouco menor que a espessura média desses mesmos balaústres.

Eles são feitos de madeira torneada, com uma barriga no meio e duas

saliências acessórias, mais estreitas, perto de cada uma das extremidades. A pintura, que desapareceu quase completamente na parte superior do corrimão, começa também a escamar-se nas partes mais cheias dos balaústres; apresentam, em sua maioria, uma grande zona de madeira nua a meia altura, na parte arredondada da saliência, do lado da varanda. Entre a pintura cinzenta que subsiste, desbotada pela idade, e a madeira que se tornou cinza pela ação da umidade, surgem pequenas superfícies de um marrom avermelhado - a cor natural da madeira - nos lugares onde esta ficou à mostra em razão da queda recente de novas escamas. Toda a balaustrada deve ser repintada de amarelo-vivo: assim decidiu A…

As janelas de seu quarto ainda estão fechadas. Apenas o sistema de gelosias, que substitui os vidros, foi aberto ao máximo, dando assim ao interior uma claridade suficiente. A... está de pé contra a janela da direita e olha por uma das frestas, para a varanda.

O homem continua imóvel, inclinado sobre a água barrenta, sobre a ponte de tábuas cobertas de terra.

Ele não se moveu sequer uma linha: agachado, a cabeça abaixada, os antebraços apoiados nas coxas, as duas mãos pendentes entre os joelhos separados.

À frente dele, nas faixas de terra que margeiam o pequeno curso de água em sua outra margem, numerosos cachos parecem maduros para o corte. Vários pés já foram colhidos, nesse setor. Seus lugares vazios destacam-se com nitidez perfeita, na sucessão dos alinhamentos geométricos. Mas, olhando melhor, é possível perceber o broto já crescido que substituirá a bananeira cortada, a alguns decímetros do velho caule, começando assim a perturbar a regularidade ideal das fileiras alternadas.

O ruído de um caminhão que sobe a estrada, sobre aquela vertente do vale, faz-se ouvir do outro lado da casa.

A silhueta de A..., recortada em faixas horizontais pela gelosia, atrás da janela de seu quarto, agora desapareceu.

Tendo chegado à parte plana da estrada, logo abaixo de rebordo rochoso que interrompe o platô, o caminhão muda de marcha e continua com um ronco menos surdo. Em seguida, seu ruído decresce progressivamente, à medida que se distancia para leste, através do mato queimado, entrecortado de árvores de folhagem dura, em direção à concessão seguinte, a de Franck.

A janela do quarto - a que fica mais perto do corredor - abre-se em duas metades. O busto de A... é enquadrado pela janela. Ela diz “bom dia” com um

tom alegre de alguém que dormiu bem e acordou de bom humor; ou pelo menos de alguém que prefere não mostrar suas preocupações - se as tiver - e ostenta, por princípio, sempre o mesmo sorriso; o mesmo sorriso onde se lêem, com a mesma facilidade, tanto a zombaria quanto a confiança, ou a ausência total de sentimentos.

Além disso, ela não acordou agora. É evidente que já tomou a sua ducha. Continua vestida com seu roupão matinal, mas seus lábios estão pintados, de um vermelho idêntico ao natural, apenas um pouco mais firme, e sua cabeleira cuidadosamente tingida brilha à luz clara da janela, quando, ao voltar a cabeça, ela sacode as mechas ondeantes, pesadas, cuja massa negra recai sobre a seda branca dos ombros.

Ela se dirige para a grande cômoda, contra a parede do fundo. Entreabre a gaveta superior, para apanhar um objeto de pequenas proporções, e volta-se para a luz. Na ponte de troncos o nativo agachado desapareceu. Não se vê ninguém por perto. Nenhuma turma tem trabalho naquele setor, no momento.

A… está sentada à mesa, à pequena escrivaninha colocada junto à parede da direita, a do corredor. Ela se inclina para a frente sobre algum trabalho minucioso e prolongado: cerzir uma meia muito fina, lustrar as unhas, desenhar a lápis alguma coisa muito pequena. Mas A... não desenha nunca; para cerzir uma meia, teria se colocado mais perto da luz; se tivesse necessidade de uma mesa para fazer as unhas, não teria escolhido essa mesa.

Apesar da imobilidade aparente da cabeça e dos ombros, vibrações abruptas agitam-lhe a massa negra dos cabelos. Por vezes ela ergue o busto e parece recuar para melhor julgar seu trabalho.

Com um gesto lento, leva para trás uma mecha, mais curta, que se soltou do penteado muito ondulante, e que a atrapalha. A mão demora-se ajeitando as ondulações, sobre as quais os dedos afilados se desdobram, um após o outro, com rapidez, mas sem brusquidão, comunicando o movimento de um para o outro de maneira contínua, como se fossem arrastados pelo mesmo mecanismo.

Novamente inclinada, ela retoma agora o trabalho interrompido. A cabeleira brilhante tem reflexos ruivos, na concavidade das ondas. Leves tremores, logo amortecidos, a percorrem de um ombro ao outro, sem que seja possível ver mover-se, com a menor pulsação, o resto do corpo.

Na varanda, de costas para as janelas do escritório, Franck estava sentado em seu lugar habitual, numa das cadeiras de fabricação local. Apenas essas três foram colocadas esta manhã. Estão dispostas como de costume. As duas primeiras lado a lado sob a janela, a terceira um pouco afastada, do outro lado da

mesa baixa.

A... foi pessoalmente buscar as bebidas, a água gaseificada e o conhaque. Coloca sobre a mesa uma bandeja cheia, com as duas garrafas e os três copos grandes. Tendo destampado o conhaque, volta-se para Franck e o olha, enquanto começa a servi-lo. Mas Franck, em vez de observar o nível da bebida, que sobe, olha um pouco mais para o alto, para o rosto de A… Ela prendeu o cabelo num coque baixo, cujas mexas hábeis parecem estar a ponto de desmanchar; alguns grampos escondidos devem, porém, segurá-lo com mais firmeza do que parece.

A voz de Franck solta uma exclamação: “Ah! Chega! É demais!” ou então: “Pare! É demais!” ou “Passou da medida”, *etc.* Ele fica com a mão direita no ar, à altura a cabeça, com os dedos ligeiramente separados. A... começa a rir.

- Você devia ter dito antes!

- Mas eu não estava vendo - protesta Franck.

- Ora - responde ela -, não devia estar olhando para o outro lado.

Olham-se, sem nada acrescentar. Franck acentua o sorriso que lhe enruga os cantos dos olhos. Entreabre a boca, como se fosse dizer alguma coisa. Mas nada diz. Os traços de A..., meio de perfil, não deixam perceber nada.

Depois de alguns minutos - ou talvez segundos - continuam ambos na mesma posição. O rosto de Franck, bem como todo o seu corpo, parecem imobilizados. Ele está vestido com um short e uma camisa caqui de mangas curtas, cujas tiras de pano nos ombros e os bolsos abotoados têm um ar vagamente militar, com as meias curtas de algodão rugoso, ele calça sapatos-tênis pintados de uma grossa camada de branco, que se quebra nos lugares onde a lona se dobra sobre o peito do pé.

A... serve a água mineral nos três copos, alinhados sobre a mesa baixa. Ela distribui os dois primeiros, depois, segurando o terceiro na mão, senta-se na poltrona vazia, ao lado de Franck. Este já começou a beber.

- Está bastante gelado? - pergunta A... As garrafas estavam na geladeira.

Franck concorda com um gesto de cabeça e bebe um novo trago.

- Pode-se colocar gelo, se você quiser - diz A…

E, sem esperar uma resposta, chama o copeiro.

Faz-se um silêncio, durante o qual o copeiro deveria surgir na varanda, no canto da casa. Mas ninguém aparece.

Franck olha para A… como se ela devesse chamar uma segunda vez, ou levantar-se, ou tomar qualquer decisão. Ela esboça uma expressão de aborrecimento, em direção à balaustrada.

- Ele não ouve - diz ela. - Seria melhor um de nós mesmos ir.

Nem ela nem Franck se levantam do lugar. No rosto de A..., voltado de perfil para o canto da varanda, não há mais nem sorriso, nem espera, nem sinal de encorajamento. Franck contempla as bolhas de gás coladas ao seu copo, que segura à frente dos olhos, a uma distância muito pequena.

Um gole basta para mostrar que essa bebida não está bastante fresca. Franck não respondeu claramente ainda, embora já tenha bebido duas vezes. De resto, apenas uma garrafa estava na geladeira: a de água mineral, cujo vidro esverdeado está manchado de um vapor ligeiro, onde a mão de dedos afilados deixou sua marca.

O conhaque fica sempre no aparador. A..., que todos os dias traz o balde de gelo junto com os copos, não o fez hoje.

- Ora - diz Franck -, não vale a pena. Para ir à copa, o mais simples é atravessar a casa.

Transposta a porta, uma sensação de frescor acompanha a semi-obscuridade. À direita, a porta do escritório está entreaberta.

Os sapatos de sola de borracha não fazem nenhum ruído nas lajes do corredor. A porta gira sem ranger sobre as dobradiças. O chão do escritório é também de lajes quadradas. As três janelas estão fechadas e suas gelosias foram apenas entreabertas, para evitar que o calor do meio-dia penetrasse no aposento.

Duas janelas dão para a parte central da varanda. A primeira, a da direita, deixa ver pela fresta mais baixa, entre as duas últimas lâminas de madeira de inclinação variável, a cabeleira negra - pelo menos, o alto da cabeleira.

A… está imóvel, sentada bem ereta no fundo da poltrona. Ela olha para o vale, à frente deles. Ela se cala. Franck, invisível à esquerda, cala-se também, ou então fala em voz muito baixa.

Enquanto o escritório - como os quartos e o banheiro - dão para os lados do corredor, este termina na sala de refeições, da qual não está separado por nenhuma porta. A mesa está posta para três pessoas. A… acaba, sem dúvida, de mandar acrescentar um prato para Franck, pois não devia esperar nenhum convidado para o jantar.

Os três pratos estão dispostos como de costume, cada qual no meio de um dos lados da mesa quadrada. O quarto lado, onde não há prato, é o que fica a cerca de dois metros da parede nua, onde a pintura clara tem ainda a marca da lacraia esmagada.

Na copa, o copeiro já está extraindo os cubos de gelo de suas fôrmas.

Um balde cheio de água, colocado no chão, serviu-lhe para aquecer a pequena cuba metálica. Ele levanta a cabeça e dá um grande sorriso.

Ele deve ter tido apenas o tempo necessário de ir receber as ordens de A..., na varanda, e voltar até aqui (pelo lado de fora) com os objetos necessários.

- A senhora disse para levar o gelo - anuncia ele no tom cantante dos negros, que destaca certas sílabas acentuando-as de maneira exagerada, por vezes no meio das palavras.

A uma pergunta pouco precisa sobre o momento em que recebeu a ordem, ele respondeu: “Agora”, o que não constitui uma indicação satisfatória. Ela pode ter lhe pedido isso quando foi buscar a bandeja, simplesmente.

Só o copeiro pode confirmar isso. Mas ele não vê, na interrogação malfeita, senão uma insinuação para que se apresse mais.

- Eu já levo - diz ele, para que se tenha paciência.

Ele fala de maneira bastante correta, mas nem sempre consegue entender o que se quer dele. A..., porém, consegue fazer-se entender sem nenhuma dificuldade.

Vista da porta da copa, a parede da sala de refeições parece sem manchas. Nenhum rumor de conversa chega da varanda, no outro extremo do corredor.

À esquerda, a porta do escritório agora ficou escancarada. Mas a inclinação demasiado acentuada das lâminas, nas janelas, não permite que se veja da porta o exterior.

É a uma distância de menos de um metro apenas que surgem, nos intervalos sucessivos, em faixas paralelas separadas pelas faixas mais largas de madeira cinzenta, os elementos de uma paisagem descontínua: os balaústres de madeira torneada, a cadeira vazia, a mesa baixa onde um copo cheio está ao lado da bandeja com as duas garrafas, e por fim o alto da cabeleira negra, que se inclina nesse momento para a direita, onde entra em cena, por cima da mesa, um antebraço nu, de cor moreno-escura, terminando numa mão mais clara, que segura o balde de gelo. A voz de A… agradece ao copeiro. A mão escura desaparece. O balde de metal brilhante, que logo se cobre de vapor, fica sobre a bandeja ao lado das duas garrafas.

O coque de A..., visto de tão perto, e por trás, parece muito complicado. É muito difícil acompanhar, em seu entrelaçamento, as diferentes mechas: várias soluções podem ser imaginadas para um lugar, e para outros, nenhuma.

Em vez de servir o gelo, ela continua a olhar para o vale. Da terra do jardim, fragmentada em faixas verticais pela balaustrada, depois em faixas horizontais pelas gelosias, restam apenas pequenos quadrados que representam uma parte insignificante da superfície total - talvez um terço do terço.

O coque de A… não é menos intrigante quando visto de perfil. Ela continua

sentada à esquerda de Franck. (É sempre assim: à direita de Franck na varanda para o café ou o aperitivo, à sua esquerda durante as refeições na sala.) Ela está ainda com as costas voltadas para as janelas, mas agora é dessas janelas que vem a luz. Trata-se aqui de janelas normais, dotadas de vidros: dando para o norte, elas nunca recebem o sol.

As janelas estão fechadas. Nenhum ruído penetra o interior quando uma silhueta passa, lá fora, frente a uma delas, acompanhando a casa a partir da cozinha e dirigindo-se para o lado dos barracões. Era, cortado à altura das coxas, um negro de short, camiseta, um velho chapéu mole, de passo rápido e ondulante, descalço provavelmente. Seu chapéu de feltro, sem formas, desbotado, fica na memória e deveria servir para reconhecê-lo logo entre os trabalhadores da fazenda. Não obstante, isso não acontece.

A segunda janela está situada mais distante, em relação à mesa; ela obriga a um movimento do busto para trás. Mas ninguém se delineia nessa janela, seja porque o homem de chapéu já a tenha ultrapassado, com seu passo silencioso, seja porque ele parou ou mudou de repente de rumo. Seu desaparecimento não surpreende, fazendo ao contrário duvidar de sua primeira aparição.

- Esse tipo de coisa é, principalmente, mental - diz Franck.

O romance africano constitui, de novo, o assunto da conversa.

- Fala-se de clima, mas isso não significa nada.

- As crises de impaludismo...

- Há o quinino.

- E a cabeça também, que zumbe o dia inteiro. É chegado o momento de interessar-se pela saúde de Christiane.

Franck responde com um gesto de mão: uma subida seguida de uma queda mais lenta, que se perde no vazio, enquanto os dedos se fecham sobre um pedaço de pão colocado junto do prato. Ao mesmo tempo, o lábio inferior estendeu-se e o queixo indicou rapidamente a direção de A..., que deve ter feito uma pergunta idêntica, pouco antes.

O copeiro entra pela porta da copa, trazendo nas duas mãos um grande prato fundo.

A… não fez os comentários que o movimento de Franck deveria ter provocado. Resta um recurso: pedir notícias da criança. O mesmo gesto - ou quase - reproduz-se, terminando novamente com o mutismo de A…

- Sempre a mesma coisa - diz Franck.

Em sentido inverso, atrás das janelas, passa de novo o chapéu de feltro. A marcha ondulante, viva e descontraída ao mesmo tempo, não mudou. Mas a

orientação contrária do rosto dissimula-o totalmente.

Além do vidro grosseiro, perfeitamente limpo, há apenas o pátio pedregoso, e, em seguida, subindo em direção à estrada e à beirada do platô, a massa verde das bananeiras. Em sua folhagem sem matizes os defeitos do vidro desenham círculos móveis.

Está como que esverdeada a própria luz que ilumina a sala de refeições, os cabelos negros de voltas improváveis, a toalha sobre a mesa e a parede nua onde uma mancha escura, bem em frente do rosto de A..., ressalta sobre a pintura clara, lisa e monótona.

Para ver o detalhe dessa mancha com clareza, a fim de distinguir-lhe a origem, é preciso aproximar-se muito de perto da parede e voltar-se para a porta da copa. A imagem da lacraia esmagada desenha-se então, não integral, mas composta de fragmentos bastante precisos para não deixar qualquer dúvida. Várias partes do corpo, ou dos apêndices, deixaram ali seus contornos, sem borrões, e ficaram reproduzidos com uma fidelidade de um desenho anatômico: uma das antenas, duas mandíbulas curvas, a cabeça e o primeiro anel, a metade do segundo, três patas de grandes proporções. Vêm, em seguida, restos mais imprecisos: pedaços de patas e a forma parcial de um corpo dobrado em ponto de interrogação.

É nesta hora que a iluminação da sala de refeições é mais favorável. Do outro lado da mesa quadrada onde o prato ainda não foi colocado, uma das janelas, cujos vidros não têm qualquer vestígio de poeira, está aberta para o pátio, que se reflete numa das folhas.

Entre as duas folhas da janela, bem como através da janela da direita que está semi-aberta, vê-se, dividida em duas pela barra vertical, a parte esquerda do pátio onde a caminhonete coberta de lona está estacionada com o capô voltado para o setor norte do bananal. Há sob a coberta uma caixa de madeira branca, nova, marcada de grandes letras negras, ao contrário, pintadas com moldes.

Na folha esquerda da janela, a paisagem refletida é mais brilhante, embora mais escura. Mas é deformada pelos defeitos do vidro, as manchas de verde circulares ou em forma de crescente, da cor das bananeiras, passeiam pelo meio do pátio na frente dos barracões.

Cercada por um desses anéis móveis de folhagem, o grande sedã azul continua, apesar disso, bem reconhecível, bem como o vestido de A..., de pé junto do carro.

Ela está inclinada sobre a porta. Se o vidro estiver abaixado - o que é provável - A… pode ter introduzido o rosto na abertura por cima dos assentos. Ela corre o risco de desmanchar o penteado contra as beiradas da janela e de ver seus

cabelos se espalharem por cima do motorista, que continuou sentado ao volante.

Este está novamente aqui para o jantar, afável e sorridente. Ele se deixa cair numa das cadeiras de tiras de couro, sem que ninguém a tivesse indicado, e pronuncia sua exclamação habitual sobre o seu conforto: - Como a gente se sente bem aqui!

Sua camisa branca é uma mancha mais clara na noite, contra a parede da casa.

Para não correr o risco de derrubar o conteúdo com um movimento em falso, na obscuridade total, A... aproximou-se o máximo possível da cadeira onde Franck está sentado, segurando com precaução na mão direita o copo que lhe destina. Apóia-se com a outra mão no braço da cadeira e inclina-se para ele, tão perto que suas cabeças ficam uma contra a outra. Ele murmura algumas palavras: sem dúvida um agradecimento. Mas as palavras perdem-se no barulho ensurdecedor dos grilos, que vem de todos os lados.

À mesa, onde a disposição dos lampiões foi modificada de modo a iluminar menos diretamente os convivas, a conversação recomeça, sobre assuntos familiares, com as mesmas frases.

O caminhão de Franck enguiçou no meio da subida, entre o quilômetro - ponto em que a estrada deixa a planície - e a primeira aldeia. Foi uma viatura da polícia que, passando por ali, parou na fazenda para avisar Franck. Quando este chegou ao local, duas horas depois, não encontrou seu caminhão no ponto indicado, mas muito mais abaixo, pois o motorista havia tentado fazer pegar o motor em marcha à ré, com o risco de chocar-se contra uma árvore, numa das curvas.

Esperar qualquer resultado, operando dessa maneira, é, aliás, absurdo. Foi preciso desmontar todo o carburador, mais uma vez. Franck, felizmente, havia levado alguma coisa para comer, pois só voltou às três e meia. Resolveu substituir o caminhão o mais depressa possível, e nunca mais - diz ele - compraria material militar usado: - A gente pensa fazer economia, mas isso custa, no final das contas, muito mais.

Sua intenção é adquirir agora um veículo novo. Ele irá pessoalmente ao porto na primeira oportunidade conversar com os concessionários das principais marcas, para conhecer exatamente os preços, as vantagens diversas, os prazos de entrega, *etc.*

Se ele tivesse um pouco mais de experiência, saberia que não se entregam máquinas modernas a motoristas negros, que as destroem com a mesma rapidez, ou mais ainda.

- Quando pensa ir? - pergunta A…

- Não sei...

Eles se olham, voltados um para o outro, por cima do prato que Franck segura com uma mão apenas, vinte centímetros acima do nível da mesa.

- Talvez na próxima semana.

- Eu também preciso ir à cidade - diz A...

- Preciso fazer umas compras.

- Então eu levo você. Partindo bem cedo, podemos estar de volta à noite.

Ele assenta o prato, à sua esquerda, e prepara-se para servir-se. A... volta o olhar por cima do centro da mesa.

- Uma lacraia! - diz ela com voz contida, no silêncio que se seguiu.

Franck ergue os olhos. Orientando-se em seguida pela direção indicada pelo olhar - imóvel - de sua vizinha, ele volta a cabeça para o outro lado, para a sua direita.

Na pintura clara da parede, em frente de A..., havia um escutígero de proporções médias (com o comprimento de cerca de um dedo), bem visível, apesar da iluminação escassa. No momento, ele não se desloca, mas a orientação de seu corpo indica um caminho que corta a parede em diagonal: vinda do plinto, do lado do corredor, e dirigindo-se para o ângulo do teto. É fácil identificar o animal graças ao grande desenvolvimento das patas, principalmente na parte posterior. Observando-o com mais atenção, distingue-se, no outro extremo, o movimento oscilante das antenas.

A... não se mexeu desde a sua descoberta: muito ereta na cadeira, com as mãos abertas pousadas sobre a toalha, de cada lado do seu prato.

Os olhos, arregalados, fixos na parede. A boca não se fechou de todo, e talvez trema imperceptivelmente.

Não é raro encontrar assim diferentes tipos de lacraias durante a noite, nessa casa de madeira já antiga. E essa espécie não é das maiores, e está longe de ser a mais venenosa. A... procura controlar-se, mas não consegue deixar de olhá-la, nem sorrir do gracejo feito a propósito de sua aversão pelos escutígeros.

Franck, que nada disse, torna a olhar para A... Depois, levanta-se de sua cadeira, sem barulho, segurando o guardanapo. Enrola-o numa bola e se aproxima da parede.

A... parece respirar um pouco mais depressa; ou, então, é uma ilusão. Sua mão esquerda fecha-se aos poucos sobre a faca. As finas antenas aceleram a sua oscilação alternada.

De repente, o animal curva o corpo e começa a descer diagonalmente na direção do soalho, com toda a rapidez de suas longas patas, ao mesmo tempo que

o guardanapo feito bola cai sobre ele, com rapidez ainda maior.

A mão de dedos afilados crispou-se sobre o cabo da faca; os traços do rosto, porém, não perderam nada de sua rigidez. Franck afasta o guardanapo da parede e, com o pé, acaba de esmagar alguma coisa sobre o chão, contra o rodapé.

Um metro mais acima, aproximadamente, a pintura fica marcada de uma forma escura, um pequeno arco que se torce em ponto de interrogação, apagando-se um pouco de um lado, cercada aqui e ali de sinais mais claros, e da qual A… não afastou ainda o olhar.

Desfeito totalmente o penteado, a escova desce com um ruído leve que lembra o sopro e a crepitação. Mal chegada embaixo, muito rapidamente, ela sobe em direção à cabeça, onde golpeia com toda a sua superfície os cabelos, antes de deslizar de novo sobre a massa negra, cor de osso oval, cujo cabo, bastante curto, desaparece quase totalmente na mão que o segura com firmeza.

Uma metade da cabeleira pende para trás, a outra mão traz para a frente do ombro a outra metade. Deste lado (o lado direito) a cabeça se inclina, de modo a melhor oferecer os cabelos à escova. Cada vez que esta cai, no alto, por trás da nuca, a cabeça inclina-se mais ainda e se ergue em seguida com esforço, enquanto a mão direita - que segura a escova se afasta no sentido inverso. A mão esquerda - que segura os cabelos sem apertá-los, entre o punho, a palma e os dedos - deixa-lhe por um instante passagem livre e se fecha, reunindo de novo as mechas, com um gesto seguro, completo, mecânico, enquanto a escova continua seu percurso até a ponta. O ruído, que varia progressivamente de um extremo a outro, é então apenas uma crepitação seca e pouco forte, cujos últimos estalos se produzem depois que a escova, deixando os cabelos mais longos, já vai tornar a subir fazendo a etapa ascendente do ciclo, descrevendo no ar uma curva rápida que a leva acima do pescoço, ali onde os cabelos ficam achatados na parte de trás da cabeça e revelam a brancura de uma risca que os divide.

À esquerda dessa risca, a outra metade da cabeleira negra pende livremente até a cintura, em ondulações suaves.

Mais à esquerda ainda, o rosto deixa ver apenas um perfil perdido. Mas, além dele, é a superfície do espelho, que devolve a imagem do rosto inteiro, de frente, e o olhar - inútil sem dúvida para a fiscalização da escovação - voltado para a frente, como é natural.

Assim os olhos de A... deveriam encontrar a janela escancarada que dá para a empena oeste, frente à qual ela se penteia diante da mesinha preparada para esse fim, munida em particular de um espelho vertical que reflete o olhar para trás, na direção da terceira janela do quarto, a parte central da varanda e a vertente do

vale.

A segunda janela, que dá para o sul, como esta última, está apenas mais próxima do ângulo sudoeste da casa; também ela está totalmente aberta. Mostra o lado da penteadeira, o pedaço do espelho, o perfil esquerdo do rosto e os cabelos despenteados que caem livremente sobre o ombro, o braço esquerdo que se dobra para alcançar a metade direita da cabeleira.

Como a nuca se inclina em diagonal para esse lado, o rosto encontra-se ligeiramente voltado para a janela. Sobre a placa de mármore de raros veios cinza estão alinhados os potes e os frascos, de alturas e formas diversas. Mais adiante descansam um grande pente de tartaruga e uma segunda escova, esta de madeira, de cabo mais longo, que apresenta uma superfície eriçada de pêlos negros.

A... deve ter acabado de lavar os cabelos, pois sem isso não se ocuparia, no meio do dia, em penteá-lo. Interrompeu seus movimentos, tendo talvez terminado este lado.

Não obstante, é sem mudar a posição dos braços, nem mexer o busto, que ela volta de repente o rosto para o peitoril situado à sua esquerda, para olhar a varanda, a balaustrada vazada e a vertente oposta do vale.

A sombra retorcida da coluna que sustenta o ângulo do telhado projeta-se nas lajes da varanda em direção à primeira janela, a da empena; mas está longe de alcançá-la, pois o sol ainda permanece muito alto. A empena da casa está toda à sombra do telhado; quanto ao segmento oeste da varanda, ao longo dessa empena, uma faixa ensolarada, de um metro de comprimento, mal se intercala entre a sombra do telhado e a sombra da balaustrada, não interrompida neste momento por nenhum corte.

É diante dessa janela, no interior do quarto, que foi colocada a penteadeira de mogno envernizado e mármore branco, das quais há sempre um exemplar nessas habitações de estilo colonial.

A parte traseira do espelho é uma placa de madeira mais grosseira, avermelhada igualmente, mas sem brilho, de forma oval, que tem uma inscrição a giz da qual três quartas partes estão apagadas. À direita, o rosto de A..., que ela inclina agora para a esquerda a fim de escovar a outra metade da cabeleira, mostra um olho que se volta para a frente, como é natural, para a janela escancarada e a massa verde das bananeiras.

No final dessa ala oeste da varanda abre-se a porta externa da copa, que dá acesso em seguida à sala de refeições, onde o frescor se conserva durante toda a tarde. Na parede nua, entre a porta da copa e o corredor, a mancha formada pelos

restos da lacraia mal se vê, sob a incidência horizontal da luz. A mesa foi posta para três pessoas; três pratos ocupam três dos lados da mesa quadrada: o lado do aparador, o lado das janelas e o lado voltado para o centro da longa sala, cuja outra metade forma uma espécie de salão, depois da linha do meio, determinada pela abertura do corredor e a porta que dá para o pátio, graças à qual seria fácil dirigir-se aos barracões onde o capataz nativo tem seu escritório.

Mas da mesa, para se ver o salão - ou, por uma janela, o lado dos barracões - seria necessário ocupar o lugar de Franck: as costas voltadas para o aparador.

Esse lugar está vazio, no momento. A cadeira, no entanto, está colocada no ponto certo, o prato e os talheres estão em seus lugares também; mas não há nada entre a beirada da mesa e o espaldar da cadeira, que tem à mostra seu revestimento de palha grossa ordenada em cruz; e o prato está limpo, brilhante, cercado de todas as facas e garfos, como no início da refeição.

A..., que finalmente resolveu mandar servir o almoço sem esperar mais o hóspede, já que ele não chega, sentou-se rígida e muda em seu lugar, diante das janelas. Essa posição contra a luz, cuja falta de comodidade parece evidente, foi escolhida por ela mesma de maneira definitiva. Ela come com uma economia de gestos extrema, sem voltar a cabeça para a esquerda ou a direita, franzindo um pouco as pálpebras como se procurasse descobrir alguma mancha na parede nua à sua frente, onde a pintura imaculada não oferece, porém, a menor distração ao olhar.

Depois de servir os hors-d'oeuvre e abstendo-se de mudar o prato inútil do conviva ausente, o copeiro retorna de novo pela porta aberta da copa, trazendo nas mãos um grande prato fundo. A… nem mesmo se volta para lançar-lhe seu olhar de dona-de-casa. À sua direita, sem nada dizer, o copeiro coloca o prato sobre a toalha branca. Contém um purê amarelado, provavelmente de inhame, do qual se eleva uma leve linha de vapor, que de súbito se curva, espalha-se, evapora sem deixar traço, para reaparecer logo depois, longa, fina e vertical, por sobre a mesa.

No meio desta já está um outro prato intacto, no qual, sobre um fundo de molho marrom-escuro, estão enfileiradas, uma ao lado da outra, três aves assadas, de pequeno formato.

O copeiro retirou-se, silencioso como de costume. A..., de repente, decide deixar a parede nua e examina sucessivamente os dois pratos, à sua direita e à sua frente. Depois de apanhar a colher adequada, ela se serve, com gestos medidos e precisos: a menor das três aves, depois um pouco de purê. Em seguida, toma o prato que está à sua direita e o coloca à esquerda; a colher

grande ficou lá dentro.

Ela começa, em seu prato, um meticuloso exercício de cortar. Apesar da pequenez do objeto, como se se tratasse de uma demonstração de anatomia, ela separa os membros, corta o corpo nos pontos de articulação, separa a carne dos ossos com a ponta da faca, segurando os pedaços com o garfo, sem apoiar de uma só vez, sem mesmo ter o ar de quem realiza um trabalho difícil ou pouco habitual. É verdade que essas aves são freqüentes no cardápio.

Ao terminar, ela levanta a cabeça e fica imóvel de novo, enquanto o copeiro retira os pratos com os pequenos ossos marrons, depois os dois pratos, dos quais um contém ainda a terceira ave assada, a que era destinada a Franck.

O prato deste permanece em seu estado primitivo até o fim da refeição. Sem dúvida ele ficou retido, como não é raro, por algum incidente ocorrido em sua fazenda, pois não teria perdido este almoço por uma indisposição eventual da mulher ou do filho.

Embora seja pouco provável que o convidado venha agora, talvez A… espere ainda o ruído de um veículo descendo a ladeira depois da estrada principal. Mas pelas janelas da sala de refeições, das quais pelo menos uma está semi-aberta, não chega nenhum ronco de motor, nem qualquer outro barulho, a essa hora do dia em que todo o trabalho se interrompe e em que os animais se calam, com o calor.

A janela do canto tem as duas folhas abertas em parte, porém. A da direita está apenas entreaberta, de tal modo que oculta ainda sensivelmente a metade do vão da janela. A da esquerda, ao contrário, está empurrada para trás até a parede, mas não totalmente: quase não se distancia, na realidade, da perpendicular ao plano do caixilho. A janela apresenta, assim, três partes da mesma altura que são de largura aproximada: no meio da abertura, e de cada lado, uma parte envidraçada, compreendendo três vidraças. Numa, como nas outras, estão enquadrados os fragmentos da mesma paisagem: o pátio pedregoso e a massa verde das bananeiras.

Os vidros estão perfeitamente limpos e, no da direita, a disposição das linhas é levemente modificada pelos defeitos, que dão apenas certos matizes movediços às superfícies demasiado uniformes. Mas no vidro da esquerda, mais escuro embora mais brilhante, a imagem refletida é francamente deformada, manchas verdes circulares ou em forma de crescente, da cor das bananeiras, passeiam no meio do pátio, na frente dos barracões.

O grande sedã azul de Franck, que acaba de estacionar ali, está também envolvido por um desses anéis móveis de folhagem, bem como, agora, o vestido

branco de A..., a primeira a descer do carro.

Ela se inclina para a porta fechada. Se o vidro foi abaixado - o que é provável - A… pode ter introduzido o rosto na abertura por cima dos assentos. Corre o risco de, ao se erguer, desmanchar o penteado contra as beiradas do teto do carro e de ver seus cabelos, que poderiam desmanchar-se ainda mais facilmente por terem sido lavados há pouco, derramarem-se sobre o motorista, que ficou ao volante.

Mas ela se afasta incólume do carro azul, cujo motor que continua ligado enche agora o pátio com um ronco mais intenso e, depois de um último olhar para trás, se dirige sozinha, com seu passo firme, para a porta central da casa, que abre diretamente para a sala grande.

Em frente a essa porta começa o corredor, sem qualquer separação do salão-sala de refeições. De cada lado desse corredor sucedem-se portas laterais; a última à esquerda, a do escritório, não está totalmente fechada. A folha da porta gira sem ranger nas dobradiças bem lubrificadas; ela retoma em seguida sua posição inicial, com a mesma discrição.

No outro extremo da casa, a porta de entrada, manejada com menos cautela, abriu-se e depois se fechou; em seguida o ruído leve, mas claro, dos saltos altos sobre o ladrilho atravessa a peça principal e se aproxima pelo corredor.

Os passos detém-se à porta do escritório, mas é a outra, que lhe é fronteira, dando acesso ao quarto, que é aberta e depois fechada.

Posicionadas de maneira simétrica em relação às do quarto, as três janelas do escritório estão, nessa hora, com as suas gelosias fechadas em mais da metade. O escritório está assim mergulhado numa luz difusa que tira todo o relevo das coisas. As linhas são, porém, bem nítidas, mas a sucessão de planos não dá mais nenhuma impressão de profundidade, de modo que as mãos se estendem instintivamente para a frente do corpo, para reconhecer as distâncias com maior segurança.

Felizmente, o aposento não está muito cheio: arquivos e prateleiras contra as paredes, algumas cadeiras e por fim a maciça mesa de gavetas que ocupa toda a região compreendida entre as duas janelas que dão para o sul, das quais uma - a da direita, a mais próxima do corredor - permite observar, pelas frestas oblíquas entre as lâminas de madeira, um corte da mesa e das cadeiras, na varanda, em riscas luminosas paralelas.

Num canto da escrivaninha há uma pequena moldura incrustada de nácar, com uma fotografia tirada por um ambulante quando das primeiras férias na Europa, após a estada na África.

Frente à fachada de um grande café de estilo moderno, A... está sentada numa cadeira complicada, metálica, cujos descansos de braços e o espaldar, de espirais em arco, parecem menos confortáveis que espetaculares. Mas A..., em seu jeito de se sentar nessa cadeira, mostra como de hábito muita naturalidade, evidentemente sem o menor relaxamento.

Ela voltou-se um pouco para sorrir para o fotógrafo, como se o autorizasse a tirar esse instantâneo. Seu braço nu, ao mesmo tempo, não modificou o gesto que fazia para descansar o copo na mesa, ao lado dela.

Mas não foi com a finalidade de colocar gelo, pois ela não toca o balde de metal brilhante, que logo se cobre de vapor.

Imóvel, ela olha para o vale, à frente deles. Ela se cala. Franck, invisível à esquerda, também se cala. É possível que ela tenha ouvido um ruído anormal, às suas costas, e que se prepare para algum movimento sem premeditação perceptível, que lhe permita olhar por acaso em direção à gelosia.

A janela que dá para o leste, do outro lado da mesa do escritório, não é uma simples janela, com a abertura correspondente, no quarto, mas uma porta que permite sair diretamente na varanda sem passar pelo corredor.

Essa parte da varanda é batida pelo sol da manhã, o único do qual ninguém procura proteger-se. No ar quase fresco que se segue ao amanhecer, o canto dos pássaros substitui o dos grilos noturnos, e a ele se assemelha, embora mais desigual, embelezado de tempos em tempos por outros sons um pouco mais musicais.

Quanto aos pássaros, não se mostram mais do que os grilos, ficando escondidos sob os penachos de grandes folhas verdes, à volta de toda a casa.

Na área de terra nua que separa a casa das bananeiras, e onde se erguem a intervalos iguais as laranjeiras novas - hastes magras enfeitadas de uma folhagem esparsa de cor escura -, o chão cintila com numerosas teias carregadas de orvalho, que aranhas minúsculas teceram entre os torrões, depois do trabalho.

À direita, essa ponta de varanda chega à extremidade do salão. Mas é sempre ao ar livre, frente à fachada do sul - de onde se domina todo o vale que é servido o café matinal. Na mesa baixa, junto da única poltrona trazida pelo copeiro, já estão dispostas a cafeteira e a xícara. A... ainda não se levantou, a essa hora. As janelas de seu quarto ainda estão fechadas.

Bem no fundo do vale, sobre a ponte de troncos que atravessa o riacho, há um homem ajoelhado, voltado para a vertente. É um nativo, vestido com uma calça azul e uma camiseta, sem cor, que lhe deixa os ombros a descoberto. Está inclinado para a superfície líquida, com se procurasse ver alguma coisa na água

barrenta.

À frente dele, na outra margem, estende-se uma faixa de terra em forma de trapézio, recurvada do lado da água, onde todas as bananeiras foram colhidas em data mais ou menos recente. É fácil contar os cepos, os troncos abatidos para o corte deixando lugar a um curto toco terminado por uma cicatriz em forma de disco, branca ou amarelada, dependendo de seu estado de frescor. Sua contagem por fileira dá, da esquerda para a direita: vinte e três, vinte e dois, vinte e dois, vinte e um, vinte e um, vinte e um, vinte, vinte, *etc.*

Bem ao lado de cada disco branco, mas em direções variadas, nasceu o broto substitutivo. Dependendo da precocidade do primeiro cacho, essa nova bananeira tem agora entre cinqüenta centímetros e um metro de altura.

A... acaba de trazer os copos, as duas garrafas e o balde de gelo. Ela começa a servir: o conhaque nos três copos, depois a água mineral, por fim três cubos de gelo transparente que encerram em seu coração um feixe de agulhas prateadas.

- Partimos bem cedo - diz Franck.

- A que horas?

- Às seis, se você quiser.

- Oh!

- Ficou assustada?

- Não. - Ela ri, em seguida, depois de um silêncio: - Pelo contrário, é muito divertido.

Bebem em pequenos goles.

- Se tudo correr bem - diz Franck -, poderemos estar na cidade lá pelas dez horas e ter ainda bastante tempo antes do almoço.

- Sem dúvida, também prefiro assim - diz A…

Eles bebem em pequenos goles.

Em seguida falam de outra coisa. Terminaram agora, tanto um como a outra, a leitura desse livro que os ocupa há algum tempo; seus comentários podem portanto fazer-se sobre o conjunto do livro: isto é, ao mesmo tempo sobre o fim e sobre antigos episódios (assuntos de conversas passadas) que esse final esclarece de um ângulo novo, ou aos quais acrescenta uma significação complementar.

Nunca fizeram sobre o livro o menor juízo de valor, falando pelo contrário dos lugares, dos acontecimentos, das personagens, como se se tratasse de coisas reais: um lugar de que se recordassem (situado, aliás, na África), pessoas que teriam conhecido, ou cuja história lhes tivesse sido contada. As conversas, entre eles, se abstiveram sempre de discutir a verossimilhança, a coerência, ou

qualquer qualidade da narrativa. Em compensação, com freqüência censuram aos próprios heróis certos atos, ou certos traços de caráter, como o fariam em relação a amigos comuns.

Por vezes, deploram também os acasos da intriga, dizendo que “isso não aconteceria”, e constróem então um outro desenvolvimeno provável, a partir de uma hipótese nova, “se isso não tivesse acontecido”. Outras bifurcações possíveis surgem, em meio a esse caminho, e que levam todas a fins diferentes. As variantes são muito numerosas; as variantes das variantes, ainda mais. Parecem mesmo multiplicá-las à vontade, trocando sorrisos, entusiasmando-se com a brincadeira, sem dúvida um pouco embriagados com essa proliferação...

- Mas, por infelicidade, ele voltou mais cedo justamente naquele dia, o que ninguém podia prever.

Franck varre assim, de um só golpe, as ficções que construíram juntos. De nada adianta fazer suposições contrárias, pois as coisas são como são: não se modifica nada da realidade.

Bebem em pequenos goles. Nos três copos, os pedaços de gelo agora desapareceram completamente. Franck examina o que resta do líquido dourado, no fundo do seu. Inclina-o para um lado, depois para o outro, divertindo-se em soltar as pequenas bolhas coladas ao vidro do copo.

- Não obstante - diz ele -, tudo começou bem. - Volta-se para A... para tomá-la por testemunha: - Partimos à hora prevista e viajamos sem incidentes. Mal eram dez horas quando chegamos à cidade.

Franck parou. A... fala, como para estimulálo a continuar: - E você não tinha notado nada de anormal, não foi, durante toda a viagem?

- Nada, absolutamente nada. De certa forma, teria sido melhor que o defeito aparecesse logo de saída, antes do almoço. Não durante a viagem, mas na cidade, antes do almoço. Isso me teria criado problemas para algumas de minhas compras, um pouco distantes do centro, mas pelo menos eu teria tido tempo de procurar uma oficina para fazer o conserto na parte da tarde.

- Pois afinal não era nada sério - explicita A..., com um ar interrogativo.

- Não, absolutamente.

Franck olha o copo. Ao final de um silêncio bastante prolongado, e embora ninguém lhe tenha perguntado qualquer coisa desta vez, ele continua suas explicações: - No momento de começarmos a viagem de volta, depois do jantar, o motor não quis mais pegar. Era muito tarde, evidentemente, para tentar qualquer coisa: todas as oficinas estavam fechadas. Não nos restava senão esperar o dia seguinte.

As frases se sucedem, cada qual em seu lugar, encadeando-se de maneira lógica. O relato medido, uniforme, assemelha-se cada vez mais ao de depoimentos na justiça, ou de um recitativo.

- Mesmo assim - diz A... —, você pensou a princípio que poderia consertar sozinho. De qualquer modo, você tentou. Mas você não é grande coisa como mecânico, não é mesmo?

Ela sorri ao pronunciar estas últimas palavras. Eles se olham. Ele sorri, por sua vez. Depois, lentamente, o sorriso se transforma numa espécie de esgar. Ela, em compensação, conserva seu ar de serenidade divertida.

Não obstante, Franck está habituado a fazer consertos improvisados, pois seu caminhão está sempre enguiçando...

- Sim - diz ele -, começo a conhecer aquele motor. Mas o carro não me causa problemas com muita freqüência.

Na verdade, não deve ter havido nunca outro incidente com o grande sedã azul, que é quase novo.

- Sempre tem de haver uma primeira vez - diz Franck.

Depois, após uma pausa: - Foi falta de sorte, justamente nesse dia...

Um pequeno gesto da mão direita - uma subida seguida de uma descida mais lenta - acaba terminando no seu ponto de partida, sobre a tira de couro que constitui o braço da poltrona. Franck tem um ar cansado; o sorriso não reapareceu desde o esgar de ainda há pouco. Seu corpo parece ter desabado no fundo da cadeira.

- Falta de sorte, talvez, mas não é um drama - recomeça A... com um tom despreocupado, que contrasta com o de seu companheiro. - Se tivéssemos algum meio de avisar, o atraso não teria nenhuma importância. Mas com essas fazendas perdidas no meio do mato, o que se poderia fazer? De qualquer modo, foi melhor do que enguiçar em plena estrada, no meio da noite!

E foi melhor, também, do que um acidente. Trata-se apenas de um acaso sem conseqüências, uma aventura sem gravidade, um dos inconvenientes menores da vida nas colônias.

- Acho que já vou - diz Franck. Detivera-se apenas de passagem, para deixar A... Não quer atrasar-se ainda mais. Christiane deve estar preocupada com o que pode ter acontecido e Franck tem muita pressa em tranqüilizá-la. Ele levanta-se da cadeira, com um súbito vigor, e coloca sobre a mesa baixa o copo que esvaziou de um gole.

- Adeus - diz A..., sem deixar sua poltrona -, e muito obrigada.

Franck esboça um movimento com o braço, sinal convencional de protesto.

A... insiste: - Claro que sim! Há dois dias que eu estou lhe dando trabalho.

- Pelo contrário, estou desolado de lhe haver imposto uma noite naquele hotel horrível.

Dá dois passos, pára antes de tomar o corredor que atravessa a casa, e volta-se um pouco: - E perdoe-me por ser um mecânico tão incompetente.

O mesmo sorriso forçado, embora mais rápido, passa-lhe pelos lábios. Ele desaparece no interior da casa.

Seus passos ressoam nos ladrilhos do corredor. Ele usava hoje sapatos de sola de couro, com seu terno branco, amarrotado pela viagem.

Quando a porta de entrada, do outro lado da casa, se abriu e depois se fechou, A... por sua vez se levanta e deixa a varanda, pela mesma saída. Mas entra imediatamente no quarto, cuja porta fecha com o trinco atrás de si, fazendo bater a lingüeta. No pátio, à frente da fachada norte, o barulho de um motor que é posto em movimento é seguido logo pelo ruído, semelhante a um lamento agudo, de uma partida demasiado rápida. Franck não disse que tipo de conserto foi preciso fazer no carro.

A... fecha as janelas do quarto que ficaram escancaradas toda a manhã, baixa uma após outra as gelosias. Vai mudar de roupa; e tomar uma ducha, sem dúvida, depois da longa viagem que acaba de fazer.

O banheiro se comunica diretamente com o quarto. Uma segunda porta dá para o corredor; o trinco é passado pelo lado de dentro, com um gesto decidido que faz bater a lingüeta.

A peça seguinte, sempre do mesmo lado do corredor, é um quarto, muito menor, que contém uma cama de solteiro. Dois metros adiante, o corredor termina na sala de refeições.

A mesa está posta para uma única pessoa. Será necessário acrescentar o prato de A…

Na parede nua, a marca da lacraia esmagada ainda é perfeitamente visível. Nada deve ter sido feito para apagar a mancha, com medo de estragar a bela pintura fosca, provavelmente não-lavável.

A mesa está posta para três pessoas segundo a disposição habitual... Franck e A..., sentados em seus lugares, falam da viagem à cidade que têm a intenção de fazer juntos, na semana seguinte, ela para diversas compras, ele para informar-se sobre o novo caminhão que pretende comprar.

Já marcaram a hora da partida, bem como a da volta, calcularam a duração aproximada dos trajetos, o tempo de que disporão para seus negócios, levando-se em conta o almoço e o jantar. Não especificaram se tomarão essas refeições

separadamente, ou se voltarão a encontrar-se para fazê-las juntos. Mas a questão é praticamente desnecessária, pois um único restaurante oferece refeições decentes aos clientes de passagem. É natural portanto que eles voltem a encontrar-se, sobretudo à noite, pois devem retomar a estrada logo depois.

É natural igualmente que A… queira aproveitar-se da ocasião para ir à cidade, que prefira essa solução ao caminhão carregado de bananas, quase impraticável para um percurso tão longo, que prefira, além disso, a companhia de Franck à de um motorista nativo qualquer, por maiores que sejam as qualidades de mecânico por ela atribuídas a este último. Quanto às outras circunstâncias que lhe permitem fazer o percurso em condições aceitáveis, são incontestavelmente pouco freqüentes, excepcionais mesmo, ou inexistentes, a menos que razões sérias justifiquem uma exigência categórica de sua parte, o que perturba sempre, mais ou menos, o bom andamento da fazenda.

Ela nada pediu desta vez, nem indicou a natureza exata das compras que provocavam seu deslocamento. Não havia nenhuma razão especial a mencionar, desde que surgia a possibilidade de um carro amigo que a pegaria em casa e a traria de volta na mesma noite. O mais surpreendente, pensando bem, é que uma ocasião semelhante já não se tivesse apresentado antes, algum dia.

Franck come sem falar há alguns minutos. É A..., cujo prato está vazio, com o garfo e a faca colocados em cima, lado a lado, que retoma a conversação, pedindo notícias de Christiane, a quem o cansaço (devido ao calor, acredita ela) impediu várias vezes de vir com o marido, nestes últimos tempos.

- Sempre a mesma coisa - responde Franck.

- Sugeri que fosse até o porto conosco, para refrescar as idéias. Mas ela não quis, por causa da criança.

- Sem falar - observa A… - que faz certamente mais calor no litoral.

- É mais pesado, sim - concorda Franck. Cinco ou seis frases são trocadas então sobre as doses respectivas de quinino necessárias lá embaixo e aqui. Depois, Franck volta aos efeitos prejudiciais que o quinino produz na heroína do romance africano que estão lendo. A conversa é levada assim às peripécias centrais da história em questão.

Do outro lado da janela fechada, no pátio empoeirado onde o calçamento desigual deixa aflorar zonas de seixos, a caminhonete tem a sua frente voltada para a casa. Excetuando isso, ela estaciona exatamente no lugar determinado: isto é, ela enquadrou-se nos vidros inferior e médio da folha direita da janela, contra o montante interno, com a pequena madeira da vidraça cortando horizontalmente sua silhueta em duas massas de importância igual.

Pela porta da copa, A... entra na sala de refeições, dirigindo-se para a mesa servida. Deu a volta pela varanda, a fim de falar de passagem com o cozinheiro, cuja voz cantante e loquaz soou apenas um instante atrás.

A… trocou totalmente de roupa depois de ter tomado a sua ducha. Vestiu o vestido claro, muito justo, que Christiane acha que não convém ao clima tropical. Vai sentar-se em seu lugar, de costas para a janela, diante de um prato intacto, que o copeiro colocou para ela. Desdobra o guardanapo sobre o colo e começa a servir-se, levantando com a mão esquerda a tampa da travessa ainda quente, já atacada durante sua permanência no banheiro, mas que ficou no centro da mesa.

Ela diz: - A viagem me deu fome.

Pergunta em seguida sobre os acontecimentos eventualmente ocorridos na fazenda durante sua ausência. A fórmula que emprega (o que há “de novo”) é pronunciada com um tom ligeiro, cuja animação não simula qualquer atenção particular. Além do que, não há nada de novo.

A… porém parece ter uma inusitada vontade de falar. Ela tem a impressão - diz - de que deveriam ter acontecido muitas coisas durante esse lapso de tempo, que, de sua parte, foi muito movimentado.

Também na fazenda esse tempo foi bem empregado; mas não se tratou senão da seqüência previsível dos trabalhos em curso, que são sempre idênticos, com pouca variação.

Ela mesma, interrogada sobre as notícias que traz, limita-se a quatro ou cinco informações já conhecidas: a pista continua em reparos numa dezena de quilômetros depois da primeira aldeia, o Cap Saint-Jean estava atracado no cais esperando sua carga, os trabalhos do novo posto quase não progrediram desde mais de três meses, o serviço municipal de estradas deixa sempre a desejar, etc...

Torna a servir-se. Seria melhor colocar a caminhonete no barracão, à sombra, pois ninguém deve utilizá-la no início da tarde. O vidro grosseiro da vidraça corta a carroceria pela base, atrás da roda dianteira, com um recorte arredondado. Bem abaixo, isolado da massa principal por uma zona de terra pedregosa, um meio disco de metal pintado é refratado a mais de cinqüenta centímetros de sua localização real. Essa peça estranha pode, além disso, ser deslocada à vontade, mudar de forma ao mesmo tempo que de dimensões: ela aumenta da direita para a esquerda, reduz-se no sentido inverso, torna-se crescente na parte baixa, transforma-se num círculo completo quando ganha altura, ou então ganha uma franja (mas é uma posição de duração muito pequena, quase instantânea) com duas auréolas concêntricas. Finalmente, com desvios bem maiores, ela se funde

na superfície matriz, ou desaparece, com uma contração brusca.

A… quer tentar ainda algumas palavras. Mas não descreve o quarto onde passou a noite, assunto pouco interessante, diz ela, voltando a cabeça: todo mundo conhece esse hotel, seu desconforto e seus mosquiteiros remendados.

É nesse momento que ela vê o escutígero na parede nua à sua frente. com uma voz contida, como para não assustar o animal, diz: - Uma lacraia!

Franck levanta os olhos. Orientando-se em seguida pela direção indicada pelos olhos - que se tornaram fixos - de sua companheira, ele volta a cabeça para o outro lado.

O animalzinho está imóvel no meio da parede, bem visível sobre a pintura clara, apesar da iluminação escassa. Franck, que nada disse, olha novamente para A... Depois levanta-se, sem ruído. A… está tão imóvel quanto o escutígero, enquanto ele se aproxima da parede, com o guardanapo enrolado na mão como uma bola.

A mão de dedos afilados crispou-se sobre a toalha branca.

Franck afasta o guardanapo da parede e, com o pé, acaba de esmagar alguma coisa sobre o ladrilho, contra o rodapé. E volta a sentar-se em seu lugar, à direita do lampião que brilha às suas costas, no aparador.

Quando passou na frente do lampião, sua sombra varreu a superfície da mesa, que por um instante cobriu totalmente. O copeiro faz então sua entrada, pela porta aberta, e começa a tirar a mesa em silêncio. A... pede-lhe, como de costume, que sirva o café na varanda.

Ela e Franck, sentados em suas poltronas, continuam a falar, sem seqüência, do dia que melhor conviria para a pequena viagem à cidade, que projetaram desde a véspera.

O assunto esgota-se logo. Seu interesse não diminui, mas não encontram mais nenhum elemento novo para alimentá-lo. As frases tornam-se mais curtas e limitam-se a repetir, em sua maioria, fragmentos das frases pronunciadas durante estes dois últimos dias, ou anteriormente.

Depois dos últimos monossílabos, separados por silêncios cada vez mais longos e que acabam por não ser mais inteligíveis, eles se deixam dominar totalmente pela noite.

Formas vagas, indicadas apenas pela obscuridade menos densa de um vestido ou de uma camisa claros, estão sentados lado a lado, com o busto inclinado para trás contra o encosto da cadeira, os braços estendidos nos descansos, em torno dos quais fazem, de tempos em tempos, deslocamentos incertos, de pouca extensão, apenas esboçados, e logo voltam ao ponto de partida, ou são então

talvez imaginários.

Os grilos calaram-se, também eles.

Ouvem-se apenas, aqui e ali, o grito breve de algum carnívoro noturno, o zumbido súbito de um escaravelho, o choque de uma pequena xícara de porcelana que é colocada na mesa baixa.

Agora, é a voz do segundo motorista que chega até esta parte central da varanda, vinda do lado dos barracões; ela canta uma música nativa, de palavras incompreensíveis, ou mesmo sem palavras.

Os barracões ficam do outro lado da casa, à direita do grande pátio. A voz deve, portanto, contornar, sob o telhado que cobre a varanda, todo o ângulo ocupado pelo escritório, o que a enfraquece de maneira notável, embora uma parte do som possa atravessar a própria peça passando pelas gelosias (sobre a fachada sul e a empena leste).

Mas é uma voz que soa bem. Ela é cheia e forte, embora num registro bastante baixo. Além disso, canta de maneira fácil, passando com flexibilidade de uma nota a outra, depois calando-se de repente.

Em virtude do caráter peculiar desse gênero de melodias, é difícil determinar se o canto foi interrompido por uma razão fortuita - relacionada, por exemplo, com o trabalho manual que o cantor deve executar ao mesmo tempo - ou então se a canção tinha ali o seu fim natural.

Da mesma forma, quando ele recomeça, é tão de repente, tão abrupto, em notas que não parecem constituir um começo, nem uma retomada.

Em outras passagens, em compensação, alguma coisa parece terminar; tudo o indica: uma seqüência decrescente, a calma reencontrada, o sentimento de que nada mais resta a dizer. Mas, depois da nota que deveria ser a última, vem uma seguinte, sem a menor solução de continuidade, com a mesma facilidade, depois outra, e outras em seguida, e o ouvinte se sente levado ao coração do poema... quando então tudo pára, sem qualquer indicação prévia.

A..., em seu quarto, abaixa o rosto sobre a carta que está escrevendo. A folha de papel azul claro à sua frente só tem ainda umas poucas linhas; A... acrescenta mais três ou quatro palavras, bem depressa, e fica com a caneta no ar. Ao fim de um minuto, levanta a cabeça, enquanto o canto recomeça, do lado dos barracões.

Sem dúvida é sempre o mesmo poema que continua. Se por vezes os temas se tornam imprecisos, é para voltar um pouco mais tarde, novamente firmes, quase idênticos. Não obstante, essas repetições, essas variantes ínfimas, esses cortes, esses recuos, podem dar lugar a modificações - embora mal perceptíveis - que, com o tempo, acabam se afastando muito do ponto de partida.

A..., para ouvir melhor, volta a cabeça para a janela aberta, a seu lado. No fundo do vale, trabalhadores consertam a ponte de troncos que atravessa o riacho. Removeram o revestimento de terra em cerca de um quarto de sua largura. Preparam-se para substituir a madeira invadida pelo cupim por troncos novos, retilíneos, cortados já no tamanho certo, que estão atravessados no caminho de acesso, imediatamente antes da ponte.

Em lugar de alinhá-los em boa ordem, os carregadores os jogaram ao acaso, em todos os sentidos.

Os dois primeiros troncos estão colocados paralelamente, entre si (e ao rio), eqüivalendo o espaço entre eles aproximadamente ao dobro de seu diâmetro comum. Um terceiro os corta de viés à altura de um terço de seu comprimento. O seguinte, perpendicular a este, toca a sua extremidade, unindo-se quase na outra extremidade com o último tronco, com o qual forma um V impreciso, de pontas muito abertas. Mas esse quinto tronco ainda é paralelo aos dois primeiros, bem como à direção do riacho sobre o qual se levanta a pontezinha.

Quanto tempo transcorreu desde a última vez que foi necessário reparar o tabuleiro da ponte? A madeira, tratada em princípio contra a ação do cupim, deve ter sido preparada de maneira imperfeita. Mais cedo ou mais tarde, é verdade, esses troncos recobertos de terra, submersos periodicamente pelas pequenas enchentes do riacho, estão destinados a ser vítima dos insetos. Só é possível proteger de maneira eficaz, para que durem muito, as construções aéreas, bem isoladas do chão, como é o caso, por exemplo, da casa.

A..., em seu quarto, continuou a carta, com sua escrita fina, cerrada, regular. A página está agora preenchida até o meio. Mas a cabeça de ondulantes madeixas negras levanta-se lentamente e começa a girar, lentamente mas sem sobressaltos, na direção da janela aberta.

Os trabalhadores da ponte são cinco, como os troncos de reposição.

Neste momento estão todos agachados na mesma posição: os antebraços apoiados nas coxas, as duas mãos pendentes entre os joelhos separados. Estão colocados frente a frente, dois na margem direita, três na margem esquerda. Discutem sem dúvida a maneira pela qual vão realizar a operação, ou então descansam um pouco antes do esforço, cansados por terem levado os troncos até ali. De qualquer modo, estão perfeitamente imóveis.

No bananal, atrás deles, uma faixa de terra em forma de trapézio estende-se na direção da vertente, na qual, como ainda não foi colhido nenhum cacho desde o plantio das mudas, a regularidade das fileiras alternadas é absoluta.

Os cinco homens, de um lado e do outro da pontezinha, também estão

colocados de maneira simétrica: em duas linhas paralelas, os intervalos iguais num e noutro grupo, e os dois situados na margem direita - dos quais se vêem apenas as costas - postam-se nos intervalos criados pela posição de seus três companheiros da margem esquerda, que olham na direção da casa, onde A… se ergue atrás do espaço aberto de sua janela.

Ela está de pé. Tem na mão uma folha de um azul bem claro, no formato comum dos papéis de carta, com marcas bem visíveis de uma dobra em quatro. Mas o braço está meio estendido, e a folha de papel chega apenas à altura da cintura; o olhar, que passa por cima dela, erra pela linha do horizonte, ao alto da vertente oposta. A... ouve o canto nativo, distante mas ainda nítido, que chega até a varanda.

Do outro lado da porta do corredor, sob a janela simétrica, uma das janelas do escritório, Franck está sentado em sua poltrona.

A..., que foi pessoalmente buscar as bebidas, põe a bandeja cheia sobre a mesa baixa. Ela destampa o conhaque e o despeja nos três copos alinhados. Enche-os em seguida com água gaseificada. Após distribuir os dois primeiros, ela senta-se por sua vez na cadeira vazia, segurando o terceiro copo.

É então que pergunta se os cubos de gelo habituais serão necessários, alegando que as garrafas saíram da geladeira, embora apenas uma delas esteja coberta de vapor ao contato com o ar.

Ela chama o copeiro. Ninguém responde.

- Seria melhor se um de nós fosse até lá, diz ela.

Mas nem ela, nem Franck fazem menção de erguer-se.

Na copa, o rapaz já está tirando os cubos de gelo de suas fôrmas, segundo as instruções recebidas da patroa, assegura ele. E acrescenta que irá levá-los imediatamente, em vez de precisar o momento em que tal ordem lhe foi dada.

Na varanda, Franck e A… continuaram sentados em suas cadeiras. Ela não se apressou em servir o gelo: ainda não tocou no balde de metal polido que o copeiro colocou junto dela e cujo brilho já é manchado por um vapor ligeiro.

Como sua vizinha, Franck olha diretamente para a frente, para a linha do horizonte, no alto da vertente fronteira. Uma folha de papel de um azul bem claro, dobrada várias vezes - em oito, provavelmente-, sobressai agora do bolso direito de sua camisa. O bolso esquerdo está ainda cuidadosamente abotoado, enquanto a aba do outro está agora levantada pela carta, que ultrapassa a beirada do pano caqui em um centímetro.

A... vê o papel azul-claro que atrai o olhar. Procura dar explicações sobre um mal-entendido com o copeiro a propósito do gelo. Ter-lhe-ia então dito para não

trazê-lo? É a primeira vez, de qualquer modo, que ela não se faz entender por um dos seus criados.

- Há sempre uma primeira vez - responde A... com um sorriso tranqüilo. Seus olhos verdes, que não piscam nunca, refletem apenas o recorte de uma silhueta contra o céu.

Lá embaixo, no fundo do vale, a disposição dos trabalhadores não é a mesma, de um e de outro lado da ponte de troncos. Resta apenas um deles na margem direita: os outros quatro estão alinhados frente a ele. Sua postura, porém, não se modificou. Atrás do que está isolado, um dos novos troncos desapareceu: aquele que estava por cima de dois outros. Em compensação, um tronco de casca terrosa apareceu claramente na margem esquerda, atrás dos quatro trabalhadores que olham para a casa.

Franck levanta-se da cadeira, com um vigor súbito, e coloca sobre a mesa baixa o copo que acaba de esvaziar de um trago. Não há mais vestígios do cubo de gelo no fundo. Franck avançou com um passo rápido até a porta do corredor. Pára ali. A cabeça e o tronco voltam-se para A..., que continuou sentada.

- Perdoe-me, ainda uma vez, por ser um mecânico tão incompetente.

Mas A... não tem o rosto voltado para esse lado, e o ricto que acompanhava as palavras de Franck permaneceu completamente fora de seu campo visual, ricto esse absorvido de imediato, aliás, ao mesmo tempo que o terno branco já sem brilho, pela penumbra do corredor.

No fundo do copo que colocou sobre a mesa ao sair, termina por fundir-se um pequeno pedaço de gelo, arredondado de um lado, apresentando do outro uma aresta bisotada. Um pouco mais longe se sucedem as garrafas de água gaseificada, o conhaque, e depois a ponte que atravessa o riacho, onde os cinco homens agachados estão agora dispostos da seguinte maneira: um na margem direita, dois na margem esquerda, dois outros no próprio tabuleiro da ponte, junto de seu lado jusante; todos estão voltados para o mesmo ponto central que parecem examinar com a maior atenção.

Restam apenas dois troncos novos a serem colocados.

Depois Franck e sua anfitriã sentaram-se nas duas mesmas cadeiras, mas trocaram de lugares: A... está na cadeira de Franck e vice-versa. É Franck portanto que está próximo da mesa baixa onde o balde de gelo e as garrafas foram colocados.

Ela chama o copeiro.

Este surge imediatamente na varanda, no ângulo da casa. Dirige-se com um passo mecânico para a mesinha, segura-a e, levantando-a do chão sem derrubar

nada do que está sobre ela, coloca-a um pouco mais longe, próxima de sua patroa. Continua em seguida o seu caminho, sem dizer palavra, no mesmo sentido, com o mesmo passo de autômato, na direção do outro ângulo da casa e da ala leste da varanda, onde desaparece.

Franck e A..., sempre mudos e imóveis no fundo de suas poltronas, continuam a olhar fixamente o horizonte.

Franck conta sua história do carro enguiçado, rindo e fazendo gestos com uma energia e um entusiasmo desmedidos. Apanha o copo da mesa a seu lado e o esvazia de um gole, como se não tivesse necessidade de deglutir para engolir o líquido: tudo escorreu de uma só vez pela sua garganta. Recoloca o copo na mesa, entre seu prato e o respectivo descanso. Recomeça imediatamente a comer. Seu apetite considerável torna-se ainda mais espetacular pelos movimentos numerosos e muito pronunciados que faz: a mão direita que segura sucessivamente a faca, o garfo e o pão, o garfo que passa alternadamente da mão direita para a mão esquerda, a faca que corta os pedaços de carne um a um e que volta à mesa depois de cada intervenção, para deixar a cena ao jogo do garfo, que muda de mão, as idas e vindas do garfo entre o prato e a boca, as deformações ritmadas de todos os músculos do rosto durante a mastigação conscienciosa, que, antes mesmo de terminar, é acompanhada de uma repetição acelerada do todo: A mão direita pega o pão e o leva à boca, a mão direita recoloca o pão sobre a toalha branca e apanha a faca, a mão esquerda segura o garfo, o garfo penetra na carne, a faca corta um pedaço, a mão direita põe a faca sobre a toalha, a mão esquerda coloca o garfo na mão direita, que pega o pedaço de carne, que se aproxima da boca, e esta se põe a mastigar com movimentos de contração e extensão que repercutem em todo o rosto, até as maçãs, os olhos, as orelhas, enquanto a mão direita retoma o garfo a fim de passá-lo para a mão esquerda, depois segura o pão, depois a faca, depois o garfo...

O copeiro faz sua entrada, pela porta aberta da copa. Aproxima-se da mesa. Seu passo é cada vez mais sincopado; seus gestos também, quando ele tira os pratos, um a um, para colocá-los sobre o aparador, e substituí-los por pratos limpos. Afasta-se logo depois, mexendo os braços e as pernas cadenciadamente, como um aparelho mecânico de regulagem grosseira.

É nesse momento que se produz a cena do esmagamento da lacraia na parede nua: Franck, que se levanta, apanha o guardanapo, aproxima-se da parede, esmaga a lacraia sobre a parede, afasta o guardanapo, esmaga a lacraia no chão.

A mão de falanges afiladas crispou-se sobre a toalha branca. Os cinco dedos separados fecharam-se sobre si mesmos, com tanta força que arrastaram a toalha

consigo. Esta fica amassada em quatro riscas convergentes, muito mais longas, às quais os dedos deram lugar.

Só a primeira falange ainda é visível. No anular brilha um anel, uma estreita faixa de ouro que mal se destaca sobre a carne. Em volta da mão espalham-se as pregas em forma de raios, cada vez mais imprecisas à medida que se distanciam do centro, cada vez mais achatadas, mas também cada vez mais extensas, transformando-se por fim numa superfície branca uniforme, onde vem pousar, por sua vez, a mão de Franck, morena, robusta, enfeitada de um anel de ouro largo e chato, de modelo análogo.

Bem ao lado, a lâmina da faca deixou na toalha uma pequena mancha escura, alongada, sinuosa, cercada de sinais mais leves. A mão morena, depois de ter errado um instante pela mesa, sobe de repente até o bolso da camisa, onde tenta de novo, com um movimento maquinal, fazer entrar mais a carta azulclara, dobrada em oito, que ultrapassa o bolso de um centímetro.

A camisa é de pano rústico, uma sarja de algodão cuja cor caqui desbotou levemente em conseqüência de numerosas lavagens. Na borda superior do bolso corre uma primeira costura horizontal, duplicada por uma segunda em forma de arco, cuja ponta se volta para baixo. Na extremidade dessa ponta está costurado o botão que normalmente fecha o bolso. É um botão de matéria plástica amarelado; o fio que o prende desenha em seu centro uma pequena cruz. A carta, por cima dele, está coberta de uma escrita fina e cerrada, perpendicular à beirada do bolso.

À direita vêm, em ordem, a manga curta da camisa caqui, a jarra indígena bojuda de cerâmica, que marca o meio do aparador, depois, colocados na ponta deste, dois lampiões de querosene, apagados, arrumados lado a lado contra a parede; mais à direita ainda, o canto da sala, seguido de perto pelo batente aberto da primeira janela.

E entra em cena o carro de Franck, que é atraído até o vidro com naturalidade pela conversa. É um sedã grande, azul, de fabricação americana, cuja carroceria - embora empoeirada - parece nova. O motor também está em muito boas condições: jamais cria problemas para seu proprietário.

Este último não deixou o volante. Apenas a sua passageira desceu para o chão pedregoso do pátio. Ela usa calçados finos de saltos muito altos e precisa ter cuidado para só pôr os pés nos lugares menos irregulares. Mas não é perturbada por esse exercício, cuja dificuldade nem sequer notou, poder-se-ia dizer. Está imobilizada contra a porta da frente e inclina-se sobre os assentos de oleado cinza, por cima do vidro totalmente abaixado.

O vestido branco de saia rodada desaparece quase até a cintura. A cabeça, os braços e o alto do busto, que mergulham na abertura, impedem ao mesmo tempo que se veja o que ocorre no interior. A... sem dúvida está reunindo as compras que fez, para trazê-las consigo. Mas o cotovelo esquerdo reaparece, seguido logo do antebraço, o punho, a mão, que pára na beirada da porta.

Depois de uma nova demora, os ombros por sua vez aparecem à luz do dia, depois o pescoço, e a cabeça com sua pesada cabeleira negra cujo penteado demasiado ondulante está um pouco desfeito, a mão direita por fim, que segura apenas, pelo barbante, um embrulho verde muito pequeno, de forma cúbica.

Deixando na poeira do esmalte da porta a marca de quatro dedos paralelos, a mão esquerda apressa-se a arrumar o penteado, enquanto A... se afasta do carro azul e, depois de um último olhar para trás, dirige-se com passo firme para a porta da casa. A superfície irregular do pátio parece ter-se aplainado à sua frente, pois A… não dá nem mesmo uma olhadela para os pés.

Em seguida apóia-se ao batente da porta de entrada, que fechou atrás de si. Daquele lugar ela vê toda a casa de uma vez: a peça principal (salão à esquerda e sala de refeições à direita, onde os pratos para o jantar já foram postos), o corredor central (para o qual dão as cinco portas laterais, todas fechadas, três à direita e duas à esquerda), a varanda e, além de sua balaustrada vazada, a vertente fronteira do vale.

A partir da crista, a ladeira divide-se em três, no sentido da altura: uma faixa irregular de mato inculto e duas parcelas plantadas, de idades diferentes. O mato está ruço, entrecortado de arbustos verdes. Um grupo de árvores mais importante marca o ponto mais alto alcançado pela plantação nessa área: ocupa o ângulo de uma peça retangular, oblíqua em relação às curvas de nível, onde o solo nu se distingue ainda em certos lugares, entre os penachos novos das folhas. Mais baixo, a segunda parcela, que tem a forma de um trapézio, está em processo de colheita: os discos brancos, grandes como pratos, deixados ao rés-do-chão pelos troncos abatidos, são em número quase igual ao das bananeiras adultas ainda de pé.

O limite a jusante desse trapézio é sublinhado pela presença do caminho de acesso que leva à pontezinha sobre o riacho. Os cinco homens estão ali agora ordenados em fileiras alternadas, dois em cada margem e um no meio, agachado, voltado para a vertente, olhando a água barrenta que chega em sua direção entre duas paredes de terra verticais, mais ou menos desbarrancadas aqui e ali.

Na margem direita restam ainda dois troncos novos a serem colocados. Formam entre si uma espécie de V muito imperfeito, de pontas abertas,

atravessando o caminho que sobe na direção do jardim e da casa.

A… entra em casa nesse momento. Tinha ido fazer uma visita a Christiane, impedida de sair há vários dias pela saúde da criança, tão delicada quanto a de sua mãe, igualmente inadaptada à vida colonial. A..., que Franck trouxe de volta, de carro, até sua casa, atravessa a sala de estar e percorre o corredor para alcançar o quarto que dá para a varanda.

As janelas desse quarto permaneceram escancaradas toda a manhã. A... aproxima-se da primeira e fecha a folha direita, enquanto a mão colocada sobre a esquerda interrompe seu gesto. O rosto mostra-se de perfil no meio vão da janela, o pescoço levantado, o ouvido à escuta.

A voz grave do segundo motorista chega até ela.

O homem canta uma canção nativa, uma frase longa sem palavras que parece não terminar nunca, embora pare de repente, sem razão plausível. A..., terminando seu gesto, empurra a segunda folha.

Ela fecha em seguida as duas outras janelas. Mas não baixa nenhuma das gelosias.

Senta-se diante da penteadeira e se contempla no espelho oval, imóvel, com os cotovelos apoiados no mármore e as duas mãos colocadas de cada lado do rosto, junto às têmporas. Nenhum de seus traços se move, nem as pálpebras de longos cílios, nem mesmo as pupilas, no centro da íris verde. Assim imobilizada pelo seu próprio olhar, atenta e serena, ela parece não sentir o tempo passar.

Inclinada para um lado, empunhando o pente de tartaruga, ela refaz o penteado antes de ir almoçar. Uma parte das pesadas madeixas negras pende sobre a nuca. A mão livre mergulha nela os dedos afilados.

A... está estendida na cama, completamente vestida. Uma de suas pernas repousa sobre a coberta de cetim; a outra, dobrada no joelho, está meio pendurada na beira da cama. O braço, desse lado, dobra-se em direção à cabeça, que afunda o travesseiro. Estendido em diagonal na cama muito larga, o outro braço afasta-se do corpo em cerca de quarenta e cinco graus. O rosto está voltado para o teto. Os olhos estão ainda maiores com a penumbra.

Perto da cama, contra a mesma parede, encontra-se a cômoda grande. A... está de pé, frente à gaveta superior entreaberta, sobre a qual se inclina para procurar alguma coisa, ou então para arrumar seu conteúdo. A operação é longa e não exige nenhum deslocamento do corpo.

Ela está sentada na poltrona, entre a porta do corredor e a mesa de escrever. Relê uma carta que conserva as marcas muito evidentes de ter sido dobrada em oito. As longas pernas estão cruzadas uma sobre a outra. A mão direita segura a

folha no ar, diante do rosto; a esquerda segura a extremidade do braço da cadeira.

A… escreve, sentada à mesa perto da primeira janela.

Ou melhor, prepara-se para escrever, a não ser que tenha terminado a sua carta. A caneta permaneceu suspensa a alguns centímetros acima do papel. O rosto está levantado em direção ao calendário pregado na parede.

Entre essa primeira janela e a segunda, há lugar apenas para o grande armário. A..., que está junto dele, só é visível portanto da terceira janela, a que dá para o lado oeste. É um armário com espelho. A… concentra toda a sua atenção em olhar seu rosto muito de perto.

Ela refugiou-se agora, ainda mais para a direita, no ângulo do aposento, que constitui também o ângulo sudoeste da casa. Seria fácil observá-la por uma das duas portas, a do corredor central ou a do banheiro; mas as portas são de madeira maciça, sem sistema de gelosias que deixe ver obliquamente. Quanto às gelosias das três janelas, agora nenhuma delas permite mais ver alguma coisa.

Agora, a casa está vazia.

A… desceu até a cidade com Franck, para algumas compras urgentes. Ela não especificou quais.

Saíram muito cedo, a fim de dispor do tempo necessário para fazer suas compras e voltar ainda aquela mesma noite à fazenda.

Tendo deixado a casa às seis e meia da manhã, eles esperam estar de volta pouco depois da meianoite, o que representa dezoito horas de ausência, das quais oito horas de estrada, no mínimo, se tudo correr bem.

Mas, com as estradas precárias, é de se esperar sempre um atraso. Mesmo que reiniciem a viagem na hora prevista, logo depois de um jantar rápido, os viajantes podem muito bem só estar de volta à uma hora da manhã, ou mesmo sensivelmente mais tarde.

Enquanto espera, a casa está vazia. Todas as janelas do quarto estão abertas, bem como as suas duas portas, para o corredor e para o banheiro. Entre o banheiro e o corredor, a porta também está aberta de todo, como a que dá acesso do corredor à parte central da varanda.

A varanda está igualmente vazia; nenhuma das cadeiras de repouso foi levada para fora esta manhã, nem a mesa baixa que serve para o aperitivo e o café. Mas, sob a janela aberta do escritório, os ladrilhos guardam as marcas dos oito pés das cadeiras: duas vezes quatro pontos brilhantes, mais lisos do que o resto, dispostos em quadrado. Os dois cantos esquerdos do quadrado direito estão a dez centímetros apenas dos dois cantos direitos do quadrado esquerdo.

Esses pontos brilhantes só são claramente visíveis da balaustrada. Apagam-se quando o observador quer aproximar-se. Na vertical, pela janela que se encontra exatamente acima deles, torna-se mesmo quase impossível determinar a sua posição.

O mobiliário desta peça é muito simples, arquivos e prateleiras contra as paredes, duas cadeiras, a mesa maciça com gavetas. No canto desta ergue-se uma pequena moldura incrustada de nácar com uma fotografia feita à beira-mar, na Europa. A… está sentada na varanda de um grande café.

Sua cadeira está colocada diagonalmente em relação à mesa na qual se prepara para colocar o copo.

A mesa é um disco de metal com numerosos buracos e onde os maiores desenham uma rosácea complicada: SS partem do centro, como raios de uma roda com dupla curvatura, e se enrolam, cada um sobre si mesmo, em espiral na outra ponta, na periferia do disco.

O pé que o sustenta é constituído de um tríplice tubo fino, cujos ramos se separam para depois convergir de novo, com uma modificação na concavidade, e por sua vez se envolvem (nos três planos verticais passando pelo eixo do sistema) em três volutas semelhantes, que repousam no chão a sua base espiralada e estão presas por meio de um anel, um pouco mais alto nessa mesma curva.

A cadeira é feita também com placas perfuradas e tubos de metal. É mais difícil seguir as suas circunvoluções por causa da pessoa que nela está sentada e que as oculta em grande parte.

Colocada sobre a mesa, próximo de um segundo copo, junto à beirada direita da imagem, uma mão de homem está presa apenas ao punho de uma manga de paletó, logo cortada pela margem branca vertical.

Todos os outros fragmentos de cadeiras, perceptíveis na fotografia, parecem pertencer a lugares vagos. Não há ninguém nessa varanda, como em todo o resto da casa.

Na sala de refeições, um único prato foi colocado na mesa, para o almoço, do lado fronteiro à porta da copa e ao aparador, longo e baixo, que vai dessa porta à janela.

A janela está fechada. O pátio está vazio. O segundo motorista deve ter tido de colocar a caminhonete perto dos barracões, para lavá-la. Fica apenas, no lugar que ela ocupa habitualmente, uma grande mancha negra contrastando com a superfície poeirenta do pátio. É um pouco de óleo que, gota a gota, escorreu do motor, sempre no mesmo lugar.

É fácil fazer desaparecer essa mancha, graças aos defeitos do vidro muito grosseiro que guarnece a janela: basta levar, com tentativas sucessivas, a superfície enegrecida até um ponto cego da vidraça.

A mancha começa por alargar-se, e um dos lados se enche para formar uma protuberância arredondada, mais grossa do que o objeto inicial. Mas, alguns milímetros mais longe, esse ventre transforma-se numa série de pequenos crescentes concêntricos, que se afinam até se tornarem apenas linhas, enquanto a outra beirada da mancha recua, deixando atrás de si um apêndice pedunculado. Este, por sua vez, cresce, um instante; depois, tudo se apaga de um só golpe.

Não há mais, atrás do vidro, no ângulo criado pelo montante central e pelo pequeno bosque, senão a cor bege-acinzentada do macadame poeirento que constitui o chão do pátio.

Na parede em frente está a lacraia, com seu lugar marcado bem ao centro.

Ela parou, pequeno traço oblíquo de dez centímetros, exatamente na altura do olhar, a meio caminho entre a aresta da beirada do rodapé (no umbral do corredor) e o canto do teto. O animal está imóvel. Apenas suas antenas se abaixam uma depois da outra e se levantam, num movimento alternado, lento mas contínuo.

Na sua extremidade posterior, o desenvolvimento considerável das patas - sobretudo do último par, que ultrapassa o comprimento das antenas permite reconhecer sem dúvida o escutígero, chamado de “lacraia aracnídea” ou ainda, “lacraia-de-minuto”, por causa da crença indígena relativa à rapidez da ação de sua picada, pretensamente mortal. Essa espécie é na realidade pouco venenosa, muito menos, de qualquer modo, do que numerosas escolopendras, freqüentes na região.

De repente, a parte anterior do corpo se põe em movimento, executando uma rotação sobre si mesma, que encurva o traço escuro na direção da base da parede. E logo depois, sem que tenha tempo de ir mais longe, ela cai no chão, torcendo-se ainda um pouco e crispando sucessivamente as longas patas, enquanto os maxilares se abrem e se fecham com toda a rapidez em volta da boca, no vazio, num tremor reflexivo.

Dez segundos depois, tudo aquilo é apenas uma bolinha ruça, onde se misturam fragmentos irreconhecíveis.

Mas na parede nua, ao contrário, a imagem do escutígero esmagado distingue-se perfeitamente, inacabada, mas sem borrão, reproduzida com a fidelidade de uma prancha anatômica na qual só fosse mostrada uma parte dos elementos: uma antena, duas mandíbulas recurvadas, a cabeça e o primeiro anel, a metade do

segundo, algumas patas de grande tamanho, *etc.*

O desenho parece indelével. Não conserva nenhum relevo, nenhuma espessura de sujeira seca que se soltasse sob a unha. Apresenta-se antes como uma tinta parda impregnando toda a camada superficial do reboco.

Uma lavagem da parede, por outro lado, não é praticável. Essa pintura fosca brilhante não a suportaria sem dúvida, pois é muito mais frágil que a pintura comum, com óleo de linhaça, que existia antes na sala. A melhor solução consiste portanto em empregar a borracha, uma borracha muito dura, de grão fino, que desgastaria pouco a pouco a superfície suja, a borracha de máquina de escrever, por exemplo, que se encontra na gaveta de cima, do lado esquerdo da escrivaninha.

O traçado fino dos fragmentos das patas ou das antenas desaparece logo, desde os primeiros golpes da borracha. A parte maior do corpo, já bastante apagada, recurvada num ponto de interrogação cada vez mais impreciso na extremidade, também se apaga sem demora, totalmente. Mas a cabeça e os primeiros anéis precisam de um trabalho mais demorado: depois de ter perdido muito depressa sua cor, a forma que persiste fica, em seguida, estacionaria durante muito tempo. Os contornos tornaram-se apenas um pouco menos nítidos. A borracha dura que passa e repassa no mesmo lugar não adianta quase nada agora.

Impõe-se uma operação complementar: raspar, muito ligeiramente, com a beirada de uma lâmina de barbear mecânica.

Uma poeira branca solta-se da parede. A precisão da ferramenta permite que se limite exatamente a região submetida ao seu ataque. Uma nova esfregadela com a borracha termina em seguida a obra com facilidade.

A mancha suspeita desapareceu completamente. Resta em seu lugar apenas uma zona mais clara, de beiradas esfumadas, sem depressão sensível, que pode passar por um defeito insignificante da superfície, mesmo com grande rigor.

Mesmo assim, o papel está agora adelgaçado; tornou-se mais translúcido, desigual, um pouco penugento. A mesma lâmina de barbear, curvada entre dois dedos para apresentar o meio de seu lado cortante, serve também para raspar rente as rebarbas levantadas pela borracha. O centro da unha, finalmente, alisa as últimas asperezas.

Em plena luz, uma inspeção mais atenta da folha azulclara revela que as duas curtas frações de pernas de letras resistiram a tudo, correspondendo sem dúvida a golpes muito fortes da escrita. Tanto assim que uma palavra nova, disposta adequadamente de maneira a cobrir esses dois traços inúteis, não teria

substituído a antiga na página, continuando visíveis os vestígios de tinta negra. A menos que a borracha entre novamente em ação.

Ela se destaca agora sobre a madeira marromescura da escrivaninha, bem como a lâmina de barbear, junto da moldura incrustada de nácar onde A… se prepara para colocar seu copo sobre a mesa redonda de múltiplas perfurações. A borracha é um pequeno disco rosado cuja parte central é ocupada por uma rodela de lata.

A lâmina de barbear é um retângulo polido sem espessura, arredondado em seus dois cantos e com três furos alinhados. O furo mediano é circular; os dois outros, de cada lado, reproduzem exatamente - em escala muito reduzida - a forma geral da lâmina, isto é, um retângulo de pequenos cantos arredondados.

Em vez de olhar o copo que ela se prepara para colocar sobre a mesa, A..., cuja cadeira está colocada em diagonal em relação à mesa, volta-se na direção oposta para sorrir ao fotógrafo, como a estimulálo a bater o instantâneo.

O operador não abaixou seu aparelho para colocá-lo ao nível do modelo. Parece até que ele subiu em alguma coisa: banco de pedra, degrau, ou mureta. A. .. deve levantar o rosto para oferecê-lo à objetiva. O pescoço esbelto voltou-se para a direita. Desse lado, a mão apóia-se com naturalidade na beirada extrema da cadeira, contra a coxa; o braço nu está ligeiramente dobrado no cotovelo. Os joelhos estão separados, as pernas, meio estendidas, os tornozelos, cruzados.

A cintura muito fina está envolvida por um cinto largo de tríplice fivela. O braço esquerdo, estendido, segura o copo vinte centímetros acima da mesa perfurada.

A basta cabeleira negra está solta sobre os ombros. A onda dos pesados bandos de reflexos avermelhados vibra aos menores impulsos transmitidos pela cabeça. Esta deve estar agitada de pequenos movimentos, imperceptíveis em si mesmos, mas amplificados pela massa dos cabelos que percorrem de um ombro ao outro, criando movimentos brilhantes, logo amortecidos, cuja súbita intensidade se reanima em convulsões inesperadas, um pouco mais baixo... mais baixo ainda... e um último espasmo muito mais baixo.

O rosto, escondido pela posição que ocupa, está inclinado para a mesa, onde as mãos, invisíveis se entregam a algum trabalho minucioso e prolongado: cerzir uma meia muito fina, polir as unhas, desenhar com lápis de tamanho reduzido, limpar com a borracha uma mancha ou uma palavra mal escolhida. Por vezes ela levanta o busto e recua um pouco para julgar melhor o seu trabalho. Com um gesto lento, lança para trás uma mecha, mais curta, que se destacou desse penteado muito instável, e a perturba.

Mas a mecha rebelde permanece sobre a seda branca, esticada pela pele do ombro, onde traça uma linha ondulante que termina num gancho. Abaixo da cabeleira que se agita, a cintura delgadíssima é cortada verticalmente, em seu centro, pelo estreito fecho metálico do vestido.

A… está de pé na varanda, no canto da casa, junto da coluna quadrada que sustenta o ângulo sudoeste do telhado. Apóia-se com as duas mãos na balaustrada, de frente para o sul, dominando o jardim e todo o vale.

Está em pleno sol. Os raios a atingem rigorosamente de frente. Mas ela não tem medo deles, mesmo ao meio-dia. Sua sombra encurtada projeta-se, perpendicular, sobre as lajes, onde não ocupa, em comprimento, mais do que um quadrado.

Dois centímetros para trás começa a sombra do telhado, paralela à balaustrada. O sol está quase no zênite.

Os dois braços estendidos separam-se numa mesma distância, de um lado e do outro dos quadris. As mãos seguram, ambas, a barra de madeira de maneira idêntica. Como A... faz recair a exata metade de seu peso sobre cada um dos saltos altos dos sapatos, a simetria de todo o corpo é perfeita.

A... está de pé contra uma das janelas fechadas do salão, bem em frente do caminho que desce a partir da estrada principal. Através do vidro, ela olha diretamente à sua frente, para a entrada do caminho, por cima do pátio poeirento, do qual uma faixa de aproximadamente três metros de largura é obscurecida pela sombra da casa.

O resto do pátio está branco de sol.

A sala grande, em comparação, parece escura. O vestido adquire ali o azul-frio das profundezas. A... não faz um gesto. Continua a contemplar o pátio e a entrada do caminho, no meio das bananeiras, bem à sua frente.

A... está no banheiro, cuja porta deixou entreaberta para o corredor. Não está fazendo a toalete. Está de pé apoiada na mesa laqueada de branco, frente à janela quadrada que lhe chega à altura do peito. Além do espaço aberto, por cima da varanda, a balaustrada vazada, o jardim mais abaixo, seu olhar só pode alcançar a massa verde das bananeiras, e mais longe, dominando a estrada que desce para a planície, o esporão rochoso do platô, atrás do qual acaba de desaparecer o sol.

A noite que se segue não tarda a cair, nessas regiões sem crepúsculo. A mesa laqueada torna-se logo de um azul mais firme, bem como o vestido, o chão branco, os lados da banheira. Todo o aposento está mergulhado na obscuridade.

Apenas o quadrado da janela é uma mancha de um violeta mais claro, sobre a qual se recorta a silhueta negra de A...: a linha dos ombros e dos braços, o

contorno da cabeleira. É impossível, sob essa iluminação, saber se sua cabeça se apresenta de frente ou de trás.

Em todo o escritório bruscamente a luz declina. O sol deitou-se. A… já está totalmente apagada. A fotografia não se percebe senão pelas beiradas nacaradas de sua moldura, que brilham num resto de luz. À sua frente brilham também o paralelogramo desenhado pela lâmina e a elipse de metal no centro da borracha. Mas seu brilho quase não dura. O olho agora não discerne mais nada, apesar das janelas abertas.

Os cinco trabalhadores continuam em seu posto, no fundo do vale, agachados em fileiras alternadas sobre a pequena ponte. A água corrente do riacho cintila ainda com os últimos reflexos da penumbra. E depois, mais nada.

Na varanda, A… deve fechar dentro em pouco o seu livro. Ela continuou a leitura até que a luz se tornasse insuficiente. Então levanta o rosto, coloca o livro sobre a mesinha baixa ao alcance de sua mão, e fica imóvel, com os dois membros nus estendidos sobre os braços da cadeira, o busto jogado para trás contra o encosto, os olhos arregalados ante o céu vazio, as bananeiras ausentes, a balaustrada também engolida por sua vez pela noite.

E o ruído ensurdecedor dos grilos já enche os ouvidos, como se não houvesse cessado nunca. O cricrilar contínuo, sem oscilações, sem matizes, está no auge de sua força há vários minutos já, ou mesmo há horas, pois não foi possível registrar um início qualquer, em nenhum momento.

Agora, o cenário está totalmente escuro. Embora os olhos tenham tido tempo de habituar-se, nenhum objeto se destaca, nem mesmo entre os mais próximos.

Mas agora há de novo balaústres perto do canto da casa, mais exatamente meios balaústres, e um corrimão por cima deles; e as lajes emergem aos seus pés pouco a pouco. O ângulo da parede precisa a sua linha vertical. Uma luz viva jorra por trás dele.

É um lampião aceso, um dos grandes lampiões a querosene, que ilumina duas pernas em marcha, à altura dos joelhos nus e das panturrilhas. O copeiro aproxima-se, segurando a alça com o braço estendido. As sombras dançam em todas as direções.

O copeiro ainda não chegou à mesinha e já a voz de A... se faz ouvir, precisa e medida; ela pede que ele coloque o lampião na sala de refeições, depois de ter tido o cuidado de fechar as janelas como todas as noites.

- Você sabe muito bem que não deve trazer o lampião para cá. Ele atrai mosquitos.

O copeiro nada disse e não parou um único instante. A regularidade de sua

marcha nem sequer foi alterada. Ao chegar à altura da porta, ele executou um quarto de volta em direção ao corredor, onde desapareceu, deixando atrás de si apenas uma luz que foi se empalidecendo: a abertura da porta, um retângulo sobre as lajes da varanda, e seus balaústres do outro lado. Depois, mais nada.

A… não voltou a cabeça para dirigir-se ao copeiro. Seu rosto recebeu a luz do lampião do lado direito. Esse perfil vivamente iluminado persiste em seguida na retina. Na noite escura onde nada se percebe dos objetos, nem mesmo os mais próximos, a mancha luminosa se desloca à vontade, sem que sua força se atenue, guardando o recorte da testa, do nariz, do queixo, da boca...

A mancha está na parede da casa, nas lajes, no céu vazio. Está por toda parte no vale, desde o jardim até o riacho e na outra vertente. Está também no escritório. no quarto, na sala de refeições, no salão, no pátio, no caminho que se afasta em direção à estrada principal.

A..., porém, não se moveu uma linha. Não abriu a boca para falar, sua voz não perturbou o barulho dos grilos noturnos; o copeiro não veio à varanda, não trouxe, portanto o lampião, sabendo muito bem que sua patroa não o quer.

Levou-o para o quarto, onde ela se prepara agora para a partida.

O lampião é colocado sobre a penteadeira. A... está terminando sua discreta maquilagem: o batom nos lábios que se contenta em reproduzir-lhes o tom natural, mas que parece mais escuro sob essa luz demasiado crua.

O dia ainda não clareou.

Franck vai chegar a qualquer momento para pegar A… e levá-la até o porto.

Ela está sentada diante do espelho oval onde seu rosto surge de frente, iluminado de um só lado, duplicando a pouca distância o rosto de perfil.

A... inclina-se mais para o espelho. Os dois rostos aproximam-se. Eles estão a apenas trinta centímetros um do outro. Mas conservam sua forma e sua posição respectiva: um perfil e uma face paralelos entre si.

A mão direita e a mão do espelho desenham, sobre os lábios e seu reflexo, a imagem exata dos lábios, um pouco mais viva, mais nítida ainda, apenas um pouco mais escura.

Duas batidas leves soam na porta do corredor.

Cintilantes, a boca e a meia boca se movimentam num sincronismo perfeito: - O que é?

A voz é contida, como num quarto de doente, ou como a voz de um ladrão que fala a seu cúmplice.

- O senhor, ele chegou - responde a voz do copeiro, do outro lado da parede.

Nenhum barulho de motor perturbou, porém, o silêncio (que não era o

silêncio, mas o chiado constante do lampião de pressão).

A... diz: - Já vou.

Termina sem pressa, com um gesto seguro, o traço sinuoso acima do queixo.

Levanta-se, atravessa o quarto contornando a cama grande, apanha sua bolsa sobre a cômoda e o fino chapéu de palha branca de abas muito largas. Abre a porta sem fazer barulho (embora sem precauções excessivas), sai, fecha novamente a porta atrás de si.

Os passos se afastam pelo corredor.

A porta de entrada abre-se e volta a fechar-se.

São seis e meia.

Toda a casa está vazia. Ela está vazia desde a manhã.

Agora são seis e meia. O sol desapareceu atrás do esporão rochoso que marca a projeção mais avançada do platô.

É a noite escura, imobilizada, que não traz a menor impressão de frescor, cheia do barulho ensurdecedor dos grilos que parece existir para sempre.

A... não deve voltar para o jantar; jantará na cidade com Franck antes de retomar a estrada. Ela não pediu que se preparasse nada para sua volta. Não precisará, portanto, de nada. É inútil esperá-la. É inútil, em todo caso, esperá-la para o jantar.

Sobre a mesa da sala de refeições o copeiro colocou um único prato, em frente do aparador comprido e baixo que ocupa quase toda a parede entre a porta aberta da copa e a janela fechada que dá para o pátio. As cortinas, que não foram fechadas, deixam à mostra os seis quadrados negros da janela.

Um único lampião ilumina a grande peça. Ele está colocado sobre a mesa, em seu ângulo sudoeste (isto é, do lado da copa), iluminando a toalha branca. À direita do lampião, uma pequena mancha de molho marca o lugar de Franck: uma marca alongada, sinuosa, cercada de sinais mais imprecisos.

Do outro lado, os raios vêm bater perpendicularmente sobre a parede nua, bem perto, fazendo ressaltar, à luz plena, a imagem da lacraia esmagada por Franck.

Se cada uma das patas do escutígero compreende quatro segmentos mais ou menos do mesmo comprimento, nenhuma das que estão desenhadas aqui, sobre a pintura lisa, está intacta - exceto uma talvez, a primeira à esquerda. Mas ela está estendida, quase retilínea, de modo que suas articulações não são fáceis de localizar com certeza. A pata original poderia ser sensivelmente mais comprida ainda. A antena também sem dúvida não se imprimiu totalmente sobre a parede.

No prato branco, um caranguejo mostra suas cinco patas de juntas muito destacadas, sólidas, bem ordenadas, ajustadas com exatidão. À volta da boca,

numerosos apêndices, de estrutura mais frágil, são igualmente parecidos entre si, dois a dois. O animal usa-os para produzir um ruído parecido com o da crepitação, perceptível bem de perto, análogo ao emitido em certos casos pelo escutígero.

O lampião, porém, impede que se ouça alguma coisa, por causa do seu silvo constante, de que o ouvido só se dá conta quando tenta perceber outro som.

Na varanda, para onde o copeiro acabou de levar a mesinha e uma das cadeiras baixas, o ruído do lampião diminui cada vez que um grito de animal o interrompe.

Os grilos calaram-se há muito tempo. A noite já está bem avançada. Não há estrelas, nem luar. Não há nenhum rumor de vento. É uma noite negra, calma e quente, como todas as outras noites, cortada apenas, aqui e ali, pelos gritos, agudos e rápidos, de pequenos carnívoros noturnos, o zumbido de um escaravelho, o farfalhar das asas de um morcego.

Estabelece-se em seguida o silêncio. Mas um ruído mais discreto, como um ronronar, desperta a atenção do ouvido... Ele pára imediatamente. E de novo se impõe o silvo do lampião.

O ruído assemelhava-se antes a um rosnar que ao barulho de um motor de automóvel. A... ainda não voltou. Eles estão um pouco atrasados, o que é normal com essas estradas precárias.

O lampião, é certo, atrai os mosquitos; mas os atrai para a sua própria luz. Basta portanto colocá-lo a certa distância para não sermos incomodados por eles, ou por outros insetos.

Eles voltejam em torno do vidro, acompanhando com seus vôos cíclicos o silvo uniforme do querosene. Seu pequeno porte, sua distância relativa, sua rapidez - que aumenta à medida que passam mais perto da fonte de luz - impedem que se reconheça a configuração do corpo e das asas. Não é nem mesmo possível distinguir entre eles as diferentes espécies, e sobretudo identificar-lhes os nomes. São apenas simples partículas em movimento, que descrevem elipses mais ou menos achatadas em planos horizontais, ou de inclinação muito leve, cortando em diversos níveis a manga alongada do lampião.

As trajetórias, porém, raramente são centradas sobre o lampião; quase todas se afastam mais de um lado, para a direita ou a esquerda, e a tal ponto que por vezes o corpúsculo desaparece na noite.

Entra novamente em cena logo depois - ou um outro em seu lugar - e refaz logo depois a sua órbita, de modo a evoluir com seus congêneres numa zona

comum, violentamente iluminada, com cerca de um metro e meio de extensão.

A cada instante, certas elipses diminuem até se transformarem em tangentes do globo, de um lado e do outro deste (na frente e atrás). Elas são então reduzidas às menores dimensões, nos dois sentidos, e alcançam sua maior velocidade. Mas não mantêm por muito tempo esse ritmo acelerado: com um afastamento brusco, o elemento gerador retoma uma gravitação mais calma.

De resto, quer se trate da amplitude, da forma, ou da situação mais ou menos excêntrica, as variações são provavelmente incessantes no interior do enxame. Seria necessário, para segui-los, poder distingui-los individualmente. Como isso é impossível, uma certa permanência do conjunto se estabelece, no interior da qual as crises locais, as chegadas, as partidas, as trocas, não entram mais em conta.

Agudo e breve, o grito de um animal ressoa, bem perto, parecendo vir do jardim, junto da varanda. Depois o mesmo grito, ao fim de três segundos, assinala sua presença do outro lado da casa. E de novo é o silêncio, que não é o silêncio, mas uma sucessão de gritos idênticos, menores, mais distantes, na massa das bananeiras, junto do rio, na vertente oposta talvez, de um extremo ao outro do vale.

Agora é um ruído mais surdo, menos fugidio, que reclama atenção: uma espécie de grunhido, de ronco ou de ronronar...

Mas, antes mesmo de se ter precisado o bastante, o ruído pára. O ouvido, que busca em vão reencontrá-lo, na noite, não capta em seu lugar senão o silvo do lampião de pressão.

O som é queixoso, alto, um pouco fanhoso. Mas sua complexidade permite-lhe harmonias de todas as alturas. De uma constância absoluta, ao mesmo tempo abafado e penetrante, ele enche a cabeça e a noite inteira, como se não viesse de parte alguma.

À volta do lampião, a ronda dos insetos é sempre exatamente a mesma. Não obstante, à força de contemplá-la, o olho acaba por perceber corpúsculos maiores que os outros. Isso não basta, porém, para determinar a sua natureza. Sobre o fundo negro eles formam apenas, também eles, manchas claras, que se tornam cada vez mais brilhantes à medida que se aproximam da luz, mergulham na escuridão de um só golpe ao passarem frente ao globo, à contraluz, depois reencontram todo o seu brilho, cuja intensidade diminui então na direção da ponta da órbita.

Na precipitação do retorno rumo ao vidro, a mancha se choca contra este com violência, num ruído seco. Caída sobre a mesa, ela se transforma num pequeno

coleóptero avermelhado, de élitros fechados, que dá voltas lentamente sobre a madeira mais escura.

Outros insetos, semelhantes a ele, também caíram sobre a mesa; andam sem rumo, percorrendo com ar inseguro trajetos de muitas voltas e metas problemáticas. Levantando de repente seus élitros num V de linhas curvas, um deles estende suas asas membranosas, levanta vôo e se reintegra imediatamente ao enxame de corpúsculos.

Mas ele é ali um dos elementos mais pesados, menos rápidos e, portanto, menos difíceis de acompanhar com os olhos. As espirais que descreve estão sem dúvida também entre as mais caprichosas: compreendem círculos, reviravoltas, subidas seguidas de quedas brutais, inflexões, pontos de retorno...

O ruído mais surdo já dura agora vários segundos, ou mesmo vários minutos: uma espécie de grunhido, de ronronar, ou o ronco de um motor, o motor de um automóvel que subisse em direção ao platô, na estrada principal. Pára um momento, para recomeçar em seguida com mais força. Desta vez é realmente o barulho de um carro na estrada.

Ele cresce progressivamente. Ocupa todo o vale com sua trepidação regular, monótona, muito mais ampla do que pareceria no dia claro. Sua importância excede mesmo, muito depressa, aquilo que se poderia esperar de um simples sedã.

O ruído está agora nas proximidades do entroncamento do caminho que leva à fazenda. Em lugar de diminuir a marcha para dobrar à direita, ele continua seu avanço uniforme, chegando no momento aos ouvidos depois de ter contornado a casa pelo seu espigão leste. Passou a bifurcação.

Tendo alcançado a parte plana da estrada, bem sob a beirada rochosa em que o platô se interrompe, o caminhão muda de marcha e continua com um ronronar menos pesado. Em seguida seu barulho diminui pouco a pouco, à medida que se distancia para leste, iluminando com seus faróis poderosos os maciços de árvores de folhagem rígida que margeiam a mata, em direção da concessão seguinte, a de Franck.

Seu carro pode ter enguiçado, mais uma vez. Eles deviam estar de volta há muito tempo.

Em volta do lampião de querosene as elipses continuam a girar, alongando-se, encolhendo-se, afastando-se para a direita ou para a esquerda, subindo, descendo, ou inclinando-se de um lado e depois de outro, misturando-se numa confusão cada vez maior, onde é impossível identificar qualquer curva autônoma.

A... deveria estar de volta há muito tempo.

Mas não faltam causas prováveis para o atraso. Deixando de lado a hipótese de acidente - jamais excluída -, há a possibilidade de dois pneus furados, o que obriga o motorista a consertar, ele mesmo, um dos pneus: retirar a roda, desmontar o pneu, encontrar o furo na câmara-de-ar, à luz dos faróis, etc., pode ocorrer também a desconexão de algum cabo elétrico, devido a uma sacudidela demasiado violenta que interrompe, por exemplo, o funcionamento dos faróis, forçando a longas procuras e a um conserto precário à luz insuficiente de uma lanterna de bolso. A estrada encontra-se em tão mau estado que até mesmo peças importantes podem ser danificadas, se o carro for muito depressa: amortecedores quebrados, eixo entortado, cárter em pedaços... Há também a ajuda que não se recusa a outro motorista em dificuldades. Há as diversas casualidades que retardam a própria partida: demora imprevista de algum negócio, lentidão excessiva no restaurante, convite para jantar aceito no último minuto em casa de um amigo que se encontra, etc., *etc.* Há, finalmente, o cansaço do motorista, que o leva a deixar a volta para o dia seguinte.

O ruído do caminhão que sobe a estrada, nesta vertente do vale, enche de novo o ar. Ele se desloca de oeste para leste, de um extremo ao outro do campo auditivo, atingindo sua potência máxima quando passa atrás da casa. Vai tão depressa quanto o anterior, o que pode provocar por um instante a confusão com um carro de passeio; o ruído, porém, é muito mais forte. O caminhão não está carregado, evidentemente. São os transportadores de banana que voltam vazios do porto, depois de terem descarregado os seus cachos no armazém, na entrada do cais, junto ao qual o Cap Saint-Jean está ancorado.

É o motivo que figura no calendário dos correios, na parede do quarto. O navio branco, novo, está ancorado junto do comprido cais que - partindo da margem inferior - avança em ponta mar adentro. Não se distingue bem a estrutura dessa ponta: trata-se provavelmente de uma armação de madeira (ou de ferro) que sustenta uma calçada revestida de asfalto. Como o cais se encontra quase à altura da água, os lados do navio ficam muito mais altos do que ele. O barco se apresenta de frente, mostrando a linha vertical de suas traves e as duas paredes lisas, das quais apenas uma está iluminada.

O navio e o cais ocupam o meio da imagem, o primeiro à esquerda, o segundo à direita. À sua volta, o mar está semeado de pirogas: oito são claramente visíveis e três outras mais incertas, no fundo. Uma embarcação menos frágil, munida de uma vela quadrada enfunada pelo vento está quase dobrando a extremidade do cais. Neste, uma multidão colorida acotovela-se, junto de uma

porção de fardos empilhados, à frente do navio.

Um pouco afastado, mas em primeiro plano, voltando as costas a essa agitação e ao grande navio branco que a provoca, uma pessoa vestida à européia olha para a parte direita do quadro, amontoado de destroços cuja massa imprecisa flutua a alguns metros dele. A superfície da água está ondulada de um leve marulho, curto, regular, que chega em direção do homem. A massa, erguida em meio pelo marulho, parece ser uma roupa velha, ou um saco vazio, A maior das pirogas está situada bem perto desse destroço, mas dele se afasta; toda a atenção dos dois nativos que a manobram está concentrada na frente, no choque de uma pequena onda contra o casco, coroado de um penacho de espuma fixado no ar pela fotografia.

À esquerda do cais, o mar está ainda mais calmo. É também de um verde mais firme. Grandes poças de óleo fazem manchas glaucas junto do pontão. É desse lado que o Cap Saint-Jean encostou; para ele converge o interesse de todas as outras personagens que constituem a cena. Por causa da posição ocupada pelo navio, são bastante confusas as suas superestruturas, exceto a frente do castelo de popa, a passarela, o alto da chaminé e o primeiro mastro de carregamento, com seu braço oblíquo, suas polias, seus cabos, seu cordame.

No alto do mastro está empoleirada uma ave, que não é de mar, mas um abutre de pescoço depenado.

Outro plana no céu, no alto e à direita; suas asas são o prolongamento uma da outra, bem abertas, estando fortemente inclinadas na direção da ponta do mastro; a ave está executando uma volta. Ainda mais acima corre horizontalmente uma margem branca de três milímetros, depois uma borda vermelha mais estreita, cerca de metade da branca.

Por sobre o calendário, que uma tachinha sustenta com um fio vermelho em forma de acento circunflexo, a parede de madeira está pintada de cinza claro. Outros furos de tachinhas foram abertos nela, nas proximidades. Um furo menos discreto, à esquerda, marca a localização de uma armela ausente, ou de um prego grande.

Com exceção dessas perfurações, a pintura do quarto está bem conservada. Suas quatro paredes, como as de toda a casa, estão revestidas de ripas verticais, de uns dez centímetros de largura, separadas entre si por uma canelura de sulco duplo. A profundidade desses sulcos se destaca com uma sombra nítida, sob a luz demasiado crua do lampião de querosene.

Essa ranhura reproduz-se da mesma forma dos quatro lados do quarto quadrado - cúbico mesmo, pois tem a mesma altura, o mesmo comprimento e a

mesma largura. O teto está igualmente recoberto das mesmas ripas cinzentas. Quanto ao soalho, oferece ainda uma disposição idêntica, evidenciada pelos interstícios longitudinais bem marcados, muito limpos, gastos pelas freqüentes lavagens que descoram a madeira das ripas, e paralelas às caneluras do teto.

Assim as seis faces internas do cubo estão cortadas com exatidão em estreitas faixas de dimensões constantes, verticais para os quatro planos verticais, orientadas de oeste para leste nos dois planos horizontais.

Quando o lampião oscila um pouco, na extremidade do braço estendido, todas essas linhas de curtas sombras móveis parecem animadas por um movimento geral de rotação.

Externamente, as paredes da casa mostram, ao contrário, tábuas colocadas no sentido horizontal; são também mais largas - cerca de vinte centímetros - e se superpõem na extremidade. Sua superfície não está, portanto, inscrita num plano vertical único, mas em múltiplos planos paralelos, com alguns graus de inclinação e separados um do outro pela espessura de uma tábua.

As janelas são cercadas por um caixilho e encimadas por um frontão em forma de triângulo muito achatado. As ripas que formam esses ornatos foram pregadas por cima das fasquias imbricadas que constituem a parede, de modo que os dois sistemas só estão em contato por uma série de arestas (a beirada inferior de cada tábua), entre as quais subsistem frestas muito importantes.

As únicas que estão juntas em toda a sua superfície são as duas molduras horizontais: a base do frontão e a base do caixilho, sob a janela. No canto desta, um líquido escuro escorreu ao longo da madeira, atravessando as ripas uma após a outra, de aresta em aresta, depois a base de cimento, estreitando-se cada vez mais nessa descida, e terminando apenas num fio, que alcança o chão da varanda no meio de um quadrado, numa pequena mancha redonda.

A laje do chão, nas proximidades, está perfeitamente limpa. Ela é lavada com freqüência, e o foi ainda esta tarde. A cerâmica muito fina apresenta uma superfície fosca, acinzentada, suave ao toque. Os quadrados são de grandes dimensões; a partir da mancha redonda, e seguindo a parede, há apenas cinco quadrados e meio até o degrau de entrada do corredor.

A porta é, também ela, enquadrada por uma moldura de madeira encimada por um frontão triangular achatado. Transposto o umbral, começa um novo lajeado, mas cujos elementos são menores: reduzidos à metade em cada sentido, o que os torna do tamanho usual. Em lugar de serem lisos como os da varanda, são marcados, diagonalmente, por ranhuras rasas; as partes mais fundas têm a mesma largura que os lados, isto é, alguns milímetros. Sua disposição é alternada

de quadrado em quadrado, de modo a desenhar ziguezagues sucessivos. Esse leve relevo, mal visível durante o dia, é acentuado pela luz artificial, sobretudo a uma certa distância à frente do lampião, mais ainda se este for colocado rente ao chão.

O leve oscilar da luz, que avança pelo corredor, agita a série ininterrupta de ranhuras com uma ondulação contínua, semelhante à das vagas.

O mesmo lajeado continua, sem a menor separação, no salão-sala de refeições. A zona onde estão a mesa e as cadeiras está coberta de uma esteira de fibras; a sombra de seus pés gira rapidamente sobre ela, no sentido inverso aos dos ponteiros do relógio.

Atrás da mesa, no centro do comprido aparador, o jarro indígena parece ainda mais volumoso: seu grande ventre esférico, de cerâmica vermelha sem verniz, projeta sobre a parede uma sombra densa que aumenta à medida que a fonte luminosa se aproxima, disco negro coroado por um trapézio isósceles (cuja grande base está no alto) e uma fina curva muito arqueada, que liga o flanco circular a um dos altos do trapézio.

A porta da copa está fechada. Entre ela e a abertura sem portas do corredor, fica a lacraia. É gigantesca: uma das maiores que se podem encontrar nestes climas. com suas antenas alongadas e suas patas imensas distribuídas à volta do corpo, ela cobre quase que a superfície de um prato comum. A sombra dos diversos apêndices duplica na pintura fosca seu número já considerável.

O corpo está curvado para baixo: sua parte anterior dobra em direção ao rodapé, enquanto seus últimos anéis conservam a orientação primitiva - a de um trajeto retilíneo que corta diagonalmente a parede desde o umbral do corredor até o canto do teto, por cima da porta fechada da copa.

O animal está imóvel, como à espera, ainda direito, embora tendo talvez sentido o perigo. Apenas suas antenas se abaixam e se levantam uma depois da outra, num movimento oscilatório alternado, lento mas contínuo.

De súbito a parte dianteira do corpo se põe em movimento, executando uma rotação sobre si mesmo, que curva o traço oblíquo na direção da base da parede. E imediatamente, sem ter tempo de ir mais longe, o inseto cai sobre o lajeado, torcendo-se pela metade e crispando sucessivamente as longas patas, enquanto os maxilares se abrem e se fecham com toda a rapidez em volta da boca, no vazio, num tremor reflexivo… É possível, aproximando o ouvido, perceber a leve crepitação que produzem.

O ruído é o de um pente na cabeleira comprida. Os dentes de tartaruga passam e repassam de alto para baixo na espessa massa negra de reflexos ruços,

eletrizando as pontas e se eletrizando a si mesmos, fazendo crepitar os cabelos ondulantes, recém-lavados, durante toda a descida da mão fina - a mão fina de dedos alongados, que se fecham progressivamente.

As duas longas antenas aceleram sua oscilação alternada. O animal parou bem no meio da parede, exatamente à altura do olhar. O grande desenvolvimento das patas, na parte posterior do corpo, permite reconhecer sem risco de erro o escutígero, ou “lacraia aracnídea”. No silêncio, por um instante, ouve-se a crepitação característica, emitida provavelmente com a ajuda de apêndices bucais.

Franck, sem dizer palavra, levanta-se, apanha seu guardanapo; enrola-o como uma bola, aproximando-se com passos silenciosos, esmaga o animal contra a parede. Depois, com o pé, esmaga-o no soalho do quarto.

Em seguida volta para a cama e de passagem coloca a toalha de rosto sobre seu tubo metálico, junto da pia.

A mão de falanges afiladas crispou-se sobre o lençol branco. Os cinco dedos separados se fecharam sobre si mesmos, com tanta força que arrastaram com eles o tecido: este ficou dobrado em cinco feixes de rugas convergentes... Mas o mosquiteiro cai novamente, em volta de toda a cama, interpondo o véu opaco de suas inúmeras malhas, onde peças retangulares reforçam os lugares rasgados.

Em sua pressa de chegar ao fim, Franck acelera ainda mais. As sacudidas tornam-se mais violentas. Apesar disso ele continua a acelerar. Não viu, na escuridão da noite, o buraco que corta metade da estrada. O carro dá um salto, uma guinada... Nessa estrada esburacada o motorista não pode controlar o veículo a tempo. O sedã azul vai bater, no acostamento, numa árvore de folhagem rígida que mal estremece com o choque, apesar de sua violência.

As chamas surgem imediatamente. Toda a mata é iluminada por ela, na crepitação do incêndio que se propaga. É o ruído que faz a lacraia, novamente imóvel na parede, em plena metade do painel.

Ouvindo-se melhor, esse ruído tem tanto de sopro quanto de crepitação: a escova agora desce, por sua vez, ao longo da cabeleira desfeita. Mal chegada ao fim de seu curso, com muita rapidez ela refaz a fase ascendente do ciclo, descrevendo no ar uma curva que a leva ao ponto de partida, sobre os cabelos lisos da cabeça, onde começa a deslizar outra vez.

Contra a parede oposta do quarto, o abutre continua no mesmo lugar de sua curva. Um pouco mais abaixo, coroando o mastro do navio, a segunda ave também não se mexeu. Embaixo, no primeiro plano, o pedaço de pano ainda um pouco elevado pela mesma ondulação do marulho. E o olhar dos dois nativos, na

piroga, não deixou o penacho de espuma, sempre na iminência de desabar sobre sua frágil embarcação.

Bem embaixo, por fim, a parte superior da escrivaninha oferece uma superfície envernizada, onde a pasta de couro está em seu lugar, no eixo do lado maior. À esquerda, uma rodela de feltro, destinada especialmente a isso, recebe a base circular do lampião de querosene, cuja alça cai para trás.

Dentro da pasta, o mata-borrão verde está constelado de fragmentos de escrita de tinta negra: barras de dois ou três milímetros, pequenos arcos de círculos, bengalas, anéis, etc.; nenhum signo completo poderia ser lido nele, mesmo com um espelho. Na bolsa lateral estão enfiadas onze folhas de papel de carta, de um azul bem claro, do formato comercial comum. A primeira dessas folhas traz a marca bem visível de uma palavra apagada - no alto e à direita - da qual restam apenas dois fragmentos de pernas, muito descorados pela borracha. O papel é nesse lugar mais fino, mais translúcido, mas sua superfície está quase lisa, pronta para a nova inscrição. Quanto aos caracteres antigos, os que se encontravam ali antes, não é possível reconstituí-los. A pasta de couro não contém mais nada.

Na gaveta da mesa há dois blocos de papel para correspondência; um é novo, o segundo já foi bastante desfolhado. A dimensão das folhas, sua qualidade, sua cor azulclara, são absolutamente idênticas às outras. Ao lado estão enfileirados três pacotes de envelopes diversos, azul-escuros, ainda com a sua faixa. Falta, porém, num dos pacotes, uma boa metade dos envelopes e a faixa está frouxa em volta dos que restam.

Excetuando-se dois lápis negros, uma borracha de máquina em forma de disco, o romance que foi objeto de muitas discussões e um carnê de selos intacto, não há mais nada na gaveta da mesa.

A gaveta superior da cômoda grande exige um inventário mais longo. Em sua parte direita, várias caixas encerram cartas antigas; quase todas estão ainda em seus envelopes, nos quais figuram selos da Europa ou da África: cartas enviadas pela família de A..., cartas de amigos diversos...

Uma série de estalos discretos chama a atenção para a ala oeste da varanda, do outro lado da cama, atrás da janela de gelosias abaixadas. Poderia ser um ruído de passos no lajeado. Não obstante, o copeiro e o cozinheiro há muito devem estar deitados. Seus pés descalços, ou calçados de sapatos de lona, são, além disso, totalmente silenciosos.

O ruído logo cessou. Se se tratasse realmente de passos, era um passo rápido, miúdo, furtivo. Não se assemelhavam em nada ao de um homem, e sim ao de um quadrúpede: algum cão selvagem perdido na varanda.

Desapareceu depressa demais para deixar uma lembrança precisa: o ouvido não teve nem tempo de escutar. Quantas vezes terá se repetido o choque ligeiro sobre as lajes? Apenas cinco ou seis, ou mesmo ainda menos. É pouco para um cão que passa. A queda de uma lagartixa grande, da parte interna do telhado, produz sempre um ploft abafado, desse tipo; mas teria sido necessário então que cinco ou seis delas se deixassem cair uma depois da outra, uma a uma, o que é pouco provável... Três lagartixas apenas?

Isso seria demais... Talvez, em suma, o ruído não se tenha repetido senão duas vezes, À medida que ele se distancia no passado, a verossimilhança do ruído diminui. Agora é como se ele não tivesse existido. Pelas frinchas de uma gelosia entreaberta - um pouco tarde - é evidentemente impossível distinguir qualquer coisa. Não resta outra coisa a fazer senão fechá-la manobrando a vareta lateral que comanda um grupo de lâminas.

O quarto está novamente fechado. As fendas do soalho, as caneluras das paredes, as do teto, giram cada vez mais depressa. De pé no pontão, a personagem que olha os destroços flutuantes começa, também ela, a inclinar-se, sem nada perder de sua rigidez. Está vestida com um terno branco de bom corte, tem na cabeça um capacete colonial. Traz um bigode negro de pontas erguidas, de acordo com a moda antiga.

Não. Seu rosto, que não está iluminado pelo sol, nada deixa adivinhar, nem mesmo a cor da pele. Dir-se-ia que o marulho, continuando seu avanço, vai estivar o pedaço de pano e permitir que se veja se é uma roupa, um saco de pano, ou outra coisa, mas se houver ainda luz suficiente.

Naquele momento a luz se apaga, de uma só vez.

Deve ter baixado pouco a pouco, antes. Mas isso não é certo. Sua força terá diminuído? Seu brilho não era mais amarelo?

Não obstante, o pistom de bombeamento foi acionado, várias vezes, no começo da noite. Terá acabado todo o querosene? O copeiro terá esquecido de encher o reservatório? A brusquidão do fenômeno não indicará antes a obstrução súbita de um cano, provocada por alguma impureza do combustível?

De qualquer modo, acendê-lo de novo é muito complicado e não valeria a pena. Atravessar o quarto no escuro não é assim tão difícil, nem encontrar a cômoda grande e sua gaveta aberta, os pacotes de cartas sem importância, as caixas de botões, os novelos de lã, um bolo de sedas, ou fios muito finos, que se parecem a cabelos, e fechar outra vez a gaveta.

A ausência do silvo do lampião de pressão deixa perceber melhor o lugar considerável que ocupava. O cabo que se desenrolava regularmente rompeu-se

de súbito, ou soltou-se, abandonando a caixa cúbica à sua própria sorte: a queda livre. Os animais também tiveram de calar-se, um a um, no vale. O silêncio é tal que os mais leves movimentos tornam-se impraticáveis, nele.

Assemelhando-se a esta noite sem contornos, a cabeleira de seda escorre por entre os dedos crispados. Ela se alonga, se multiplica, estende tentáculos em todos os sentidos, enrolando-se sobre si mesma numa meada cada vez mais complexa, cujas circunvoluções e os aparentes labirintos continuam a deixar passar as falanges com a mesma indiferença, com a mesma facilidade.

Com a mesma facilidade, a cabeleira deixa-se desenrolar, deixa-se estender, e cair novamente sobre o ombro numa onda dócil, ou a escova de seda desliza com suavidade, de alto a baixo, de alto a baixo, guiada agora apenas pela respiração, que basta ainda para criar, na obscuridade completa, um ritmo igual, capaz ainda de medir qualquer coisa, se qualquer coisa resta ainda a medir, a abarcar, a descrever, na escuridão total, até o clarear do dia, agora.

O dia clareou há muito. Sob as duas janelas voltadas para o sul, expostas ao sol, os raios de luz filtram-se pelos interstícios das gelosias fechadas. Para que o sol atinja a fachada sob esse ângulo, é preciso que sua altura já seja considerável, no céu. A... não voltou. A gaveta da cômoda, à esquerda da cama, ficou entreaberta. Como é muito pesada, produz, ao deslizar em seu caixilho, um ranger de porta mal azeitada.

A porta do quarto, ao contrário, gira em silêncio sobre suas dobradiças. Os sapatos de solas de borracha não fazem o menor barulho nas lajes do corredor.

À esquerda da porta exterior, na varanda, o copeiro arrumou, como de costume, a mesa baixa e a única cadeira, e a única xícara de café sobre a mesa. O próprio copeiro surge no canto da casa, levando nas duas mãos a bandeja com a cafeteira.

Depois de colocar a bandeja junto da xícara, ele diz: - A senhora, ela não voltou.

Teria dito no mesmo tom: “O café, ele está servido”, “Deus vos abençoe”, ou qualquer outra coisa. Sua voz canta invariavelmente as mesmas notas, de tal modo que não é possível distinguir as interrogações das outras frases. Como todos os criados nativos, esse copeiro está, além disso, acostumado a não esperar nunca a resposta, quando faz uma pergunta.

Ele sai imediatamente, entrando agora na casa pela porta aberta do corredor central.

O sol da manhã varre de ponta a ponta essa parte mediana da varanda, bem como todo o vale. No ar quase fresco que se segue ao clarear do dia, o canto dos

pássaros substituiu o dos grilos noturnos, e a ele se parece, embora mais desigual, enfeitado de tempos em tempos por alguns sons um pouco mais musicais. Quanto aos pássaros, mostram-se tanto quanto os grilos - não mais do que o habitual -, esvoaçando ao abrigo dos penachos verdes das bananeiras, em volta de toda a casa.

Na área de terra nua que separa a casa das bananeiras, o sol cintila nas numerosas teias impregnadas de orvalho, que minúsculas aranhas estenderam entre os montículos de terra. Lá embaixo, na ponte de madeira que cruza o riacho, um grupo de cinco trabalhadores prepara-se para trocar os troncos cujo interior foi minado pelo cupim.

Na varanda, no canto da casa, o copeiro entra em cena, seguindo seu itinerário familiar. Seis passos atrás, um outro nativo o segue, vestido com um calção e uma camiseta, pés descalços e trazendo na cabeça um velho chapéu de feltro.

O jeito da nova personagem é ágil, vivo e ao mesmo tempo despreocupado. Ela avança acompanhando seu guia em direção à mesa baixa, sem tirar da cabeça o singular chapéu de feltro, informe, desbotado. Pára quando o copeiro pára, isto é, cinco passos atrás, e ali fica, com os braços caídos ao longo do corpo.

- O senhor de lá, ele não voltou - diz o copeiro.

O mensageiro de chapéu mole olha para o ar, para as vigas, sob o telhado, onde as lagartixas cinza-róseas se perseguem, por fragmentos de trajetos curtos e rápidos, parando de repente em plena corrida, com a cabeça caída para o lado e o rabo paralisado em meio à ondulação interrompida.

- A senhora, ela está aborrecida - diz o copeiro.

Emprega o adjetivo para designar qualquer espécie de incerteza, de tristeza ou de preocupação. Sem dúvida é “inquieta” que ele quer dizer hoje; mas poderia ser também “furiosa”, “ciumenta”, ou mesmo “desesperada”. Aliás, ele nada perguntou; prepara-se para sair. Mas uma frase anódina, sem significação precisa, provoca nele uma onda de palavras, em sua própria língua, onde são numerosas as vogais, sobretudo os “a” e os “e”.

Ele e o mensageiro estão agora voltados um para o outro. O segundo ouve, sem dar o menor sinal de compreensão. O copeiro fala com toda a rapidez, como se seu texto não tivesse nenhuma pontuação, mas com o mesmo tom cantante com que se expressa em francês. Bruscamente, cala-se. O outro não diz palavra, dá meia-volta e retoma, em sentido contrário, o caminho pelo qual veio, com seu passo macio e rápido, balançando a cabeça e o chapéu, os quadris e os braços ao longo do corpo, sem ter aberto a boca.

Depois de ter posto a xícara suja na bandeja, ao lado da cafeteira, o copeiro

leva de volta a louça, penetrando na casa pela porta aberta do corredor.

As janelas do quarto estão fechadas. A... ainda não se levantou, a esta hora.

Ela partiu muito cedo, esta manhã, a fim de ter o tempo necessário às suas compras e poder voltar ainda esta mesma noite à fazenda. Ela foi à cidade com Franck, para algumas compras urgentes. Não precisou quais.

Como não há ninguém no quarto, não há razão para não se abrirem as gelosias, que guarnecem totalmente as três janelas, em lugar das vidraças. As três janelas são iguais, dividida cada qual em quatro retângulos iguais, ou seja, quatro séries de lâminas de madeira, compreendendo cada batente duas séries no sentido da altura. As doze séries são idênticas: dezesseis lâminas de madeira manobradas em conjunto por uma vareta lateral, disposta verticalmente contra o montante externo.

As dezesseis lâminas de uma mesma série permanecem constantemente paralelas. Quando o sistema está fechado, elas se superpõem umas às outras, pelas beiradas, recobrindo-se mutuamente em cerca de um centímetro. Abaixando a vareta, diminui-se a inclinação das lâminas, criando assim uma série de espaços cuja largura aumenta progressivamente.

Quando as gelosias estão abertas ao máximo, as lâminas ficam quase horizontais e mostram a sua borda. A encosta fronteira do vale surge então em faixas sucessivas, superpostas, separadas por intervalos um pouco mais estreitos. Na abertura que se encontra bem ao nível do olhar coloca-se uma massa de copas de árvores de folhagem rígida, no limite da fazenda, ali onde começa o mato amarelo. Múltiplos troncos lançam-se em ramificações divergentes, de onde partem galhos guarnecidos de folhas verde-escuras, ovais, que parecem desenhadas uma a uma, apesar de sua relativa pequenez e seu grande número. Na base, a reunião dos troncos forma um caule único, de diâmetro colossal, esculpido de relevos que se alargam ao chegar ao chão.

A luz decresce rapidamente. O sol desapareceu atrás do pico rochoso que coroa a projeção mais acentuada do platô. São seis e meia. O barulho ensurdecedor dos grilos enche todo o vale - rangido contínuo, sem progressão, sem matiz. A parte traseira da casa está deserta desde o alvorecer do dia.

A... não deve voltar cedo, pois jantará na cidade, com Franck, antes de retomarem a estrada. Estarão de volta lá pela meianoite, provavelmente.

A varanda também está vazia. Nenhuma das cadeiras de repouso foi levada para fora, esta manhã, como também não o foi a mesa baixa que serve para o aperitivo e o café. Oito pontos brilhantes marcam nas lajes o lugar das duas cadeiras, sob a primeira janela do escritório.

Vistas do exterior, as gelosias abertas mostram o gume descascado de suas lâminas paralelas, onde pequenas escamas estão, aqui e ali, levantadas, e que a unha arrancaria sem esforço. No interior, no quarto, A... está de pé contra a janela e olha por um dos espaços, para o terraço, a balaustrada vazada e as bananeiras da outra encosta.

Entre a pintura cinza que subsiste, desbotada pelo tempo, e a madeira que se tornou cinza pela ação da umidade, surgem pequenas superfícies de um castanho avermelhado - a cor natural da madeira - nos lugares onde esta ficou a descoberto pela queda recente de novas escamas. No interior, no quarto, A… está de pé contra a janela e olha por um dos espaços.

O homem continua imóvel, inclinado para a água lamacenta, na ponte de troncos recobertos de terra. Não se moveu um milímetro: agachado, de cabeça baixa, os antebraços apoiados nas coxas, as duas mãos penduradas entre os joelhos separados. Ele tem o ar de quem olha alguma coisa, no fundo do riacho - um animal, um reflexo, um objeto perdido.

À frente dele, na faixa de terra que acompanha a outra margem, vários cachos parecem maduros para o corte, embora a colheita não tenha ainda começado, nesse setor. Ao ruído de um caminhão que muda de marcha, na estrada principal, do outro lado da casa, responde deste lado o rangido de uma carmona. A primeira janela do quarto abre-se totalmente.

O busto de A… enquadra-se nela, bem como a cintura e os quadris. Ela diz ”bom dia“, com o tom alegre de alguém que dormiu bem, e que desperta com o espírito despreocupado e bem disposto ou de alguém que prefere não mostrar suas preocupações, trazendo sempre por princípio o mesmo sorriso.

Ela se afasta logo para o interior, para reaparecer um pouco mais longe alguns segundos depois, dez segundos, talvez, mas a uma distância de dois a três metros, de qualquer modo - num outro vão, em lugar das gelosias da segunda janela cujas quatro séries de lâminas de madeira desapareceram para trás. Ali, permanece mais tempo, com o rosto quase invisível, a cabeça voltada para a coluna do ângulo da varanda que sustenta a projeção do telhado.

Ela pode perceber, de seu posto de observação, apenas a verde extensão das bananeiras, a beirada do platô e, entre os dois, uma faixa de mato inculto, de arbustos amarelados, entrecortados de escassas árvores.

Na coluna propriamente dita não há também nada a ser visto, a não ser a pintura que descasca e, ocasionalmente, em intervalos imprevisíveis e em níveis variados, uma lagartixa cinza-rósea cuja presença intermitente resulta de deslocamentos tão súbitos que seria impossível dizer de onde ela veio, nem para

onde foi, quando deixa de ser visível.

A... desapareceu de novo. Para reencontrá-la, o olhar deve colocar-se no centro da primeira janela: ela está diante da cômoda grande, contra a parede do fundo. Entreabre a gaveta superior e se inclina para a parte direita do móvel, onde procura demoradamente um objeto que não encontra, tateando com as duas mãos, afastando embrulhos e caixas e voltando sempre ao mesmo ponto, a menos que esteja entregue a uma simples arrumação de suas coisas.

Na posição que ela ocupa, entre a porta do corredor e a cama de casal, outros raios de sol podem alcançá-la facilmente, desde a varanda, atravessando uma ou outra das três janelas abertas.

Partindo de um ponto da balaustrada situado a dois passos do ângulo, uma trajetória oblíqua penetra também no quarto pela segunda janela e corta de viés o pé da cama, chegando até a cômoda. A..., que voltou a ficar ereta, gira sobre si mesma em direção da luz e desaparece imediatamente atrás do pedaço de parede que separa os dois vãos de janela e esconde as costas do grande armário.

Ela surge, um instante depois, do lado esquerdo da primeira janela, frente à escrivaninha. Abre a pasta de couro e inclina-se para a frente, com a parte superior das coxas apoiada à beirada da mesa. O corpo, que se alarga na altura dos quadris, impede novamente que se veja o que fazem as mãos, o que seguram, o que apanham, ou o que guardam.

A... apresenta-se meio de perfil, como antes, embora do lado oposto. Ela ainda está vestida com seu roupão matinal, mas a cabeleira, ainda livre de todos os rolos ou coques, já está penteada com cuidado; ela brilha à luz intensa, quando a cabeça, voltando-se, desloca os bandos oscilantes, pesados, cuja massa negra cai sobre a seda branca do ombro, enquanto a silhueta se distancia novamente em direção ao fundo do aposento, acompanhando a parede do corredor.

A pasta de couro, no centro da mesa, está fechada, como de costume. Dominando a superfície de madeira envernizada, em lugar da cabeleira, há apenas o calendário dos correios onde somente o navio branco se destaca do cinzento, na parede recuada.

O quarto está agora como que vazio. A… pode ter aberto sem ruído a porta do corredor e saído do aposento; mas continua sendo mais provável que ela ali permaneça, fora do campo de visão, na zona branca compreendida entre essa porta, o armário grande e o canto da mesa onde um descanso de feltro é o último objeto visível. Além do armário, há apenas um móvel (uma poltrona) nesse refúgio. Não obstante, a saída disfarçada pela qual ele se comunica com o corredor, o salão, o pátio, a estrada, estende até o infinito as suas possibilidades

de fuga.

O busto de A... enquadra-se no vão numa perspectiva imperfeita da terceira janela, sobre a empena leste da casa. Ela teve, portanto, em algum momento, de passar diante do pé da cama, a descoberto, antes de penetrar na segunda zona branca entre a penteadeira e a cama.

Ela está ali, imóvel, há bastante tempo. Seu perfil recorta-se com nitidez sobre um fundo mais escuro. Seus lábios estão muito vermelhos; dizer se foram pintados - ou não - seria difícil, pois esse é sempre o seu tom natural. Os olhos estão arregalados, voltados para a linha verde das bananeiras, que eles percorrem lentamente aproximando-se da coluna do ângulo, numa rotação progressiva da cabeça e do pescoço.

Sobre a terra nua do jardim, a sombra da coluna forma agora um ângulo de quarenta e cinco graus com a sombra rendada da balaustrada, a ala oeste da varanda e a empena da casa. A... não está mais na janela. Nem esta, nem nenhuma das duas outras revela sua presença no quarto. E não há mais razão para se supor que esteja em alguma das três zonas brancas, em lugar de em outra. Duas delas oferecem, aliás, uma saída fácil: a primeira para o corredor central, a segunda para o banheiro, cuja outra porta leva em seguida ao corredor, ao pátio, *etc.* O quarto está novamente como que vazio.

À esquerda, no extremo dessa ala oeste, da varanda, o cozinheiro negro está descascando inhames sobre uma bacia de lona. Está de joelhos, sentado nos calcanhares, com a bacia entre as coxas. A lâmina brilhante e pontuda da faca tira uma fita sem fim do comprido tubérculo amarelo, que gira sobre si mesmo com um movimento regular.

À mesma distância, mas numa direção perpendicular, Franck e A… tomam o aperitivo recostados no espaldar de suas cadeiras habituais, sob a janela do escritório.

- Como são confortáveis! Franck segura o copo na mão direita, colocada na extremidade do braço da cadeira. Os três outros braços estão estendidos paralelamente ao longo das tiras de couro paralelas, mas suas três mãos estão colocadas com as palmas contra o alto do alizar, no local onde o couro se curva sobre a aresta antes de terminar em ponta, exatamente sobre os três grandes pregos de cabeça arqueada que o prendem à madeira vermelha.

Duas das quatro mãos têm no mesmo dedo o mesmo anel de ouro, largo e achatado: a primeira à esquerda, e a terceira, que segura o copo, que tem a forma de um tronco de cone, cheio até a metade de um líquido dourado, a mão direita de Franck. O copo de A... repousa ao lado dela na mesinha. Eles falam, sem

seqüência, sobre a viagem à cidade que pretendem fazer juntos, na próxima semana, ela para diversas compras, ele para informar-se sobre o novo caminhão que planejou comprar.

Já marcaram a hora da partida, bem como a da volta, calcularam a duração aproximada dos trajetos, o tempo de que vão dispor para seus negócios. Resta-lhes apenas entrar em acordo quanto ao dia mais conveniente. É bem natural que A... queira aproveitar a ocasião, que lhe permitirá, sem incomodar ninguém, fazer a viagem em condições aceitáveis. A única coisa surpreendente seria, antes, que uma situação semelhante não se tenha apresentado em circunstâncias análogas, anteriormente, num ou noutro dia.

Agora os dedos afilados da segunda mão brincam com as grandes cabeças niqueladas dos pregos: a polpa da última falange do indicador, do médio e do anular passa e repassa sobre as três superfícies lisas e arqueadas. O médio está estendido, verticalmente, seguindo o eixo da ponta triangular do couro; o anular e o indicador estão meio dobrados, para alcançar os dois pregos superiores. Logo em seguida, sessenta centímetros para a esquerda, os mesmos três dedos finos começam o mesmo exercício. O mais à esquerda desses seis dedos é o que tem o anel.

- Então, Christiane não quer vir conosco? É pena…

- Não, ela não pode - diz Franck - por causa da criança.

- Sem contar que faz evidentemente mais calor no litoral.

- É mais pesado, sim, é verdade.

- Mesmo assim, isso teria sido uma distração para ela. Como está ela, hoje?

- Sempre a mesma coisa - diz Franck.

A voz grave do segundo motorista, que canta uma melodia nativa, chega até as três cadeiras agrupadas no meio da varanda. Embora distante, essa voz é perfeitamente reconhecível. Contornando a casa pelas suas duas empenas ao mesmo tempo, ela chega aos ouvidos pela direita e pela esquerda, simultaneamente.

- Sempre a mesma coisa - diz Franck. A... insiste, solícita: - Na cidade, ela poderia consultar um médico. Franck ergue a mão esquerda do suporte de couro estendido, mas sem levantar o cotovelo, e a deixa cair em seguida, numa queda mais lenta, até o ponto de partida.

- Ela já consultou muitos. Todos esses remédios que toma, é como se ela…

- No entanto, é preciso fazer alguma coisa...

- Como, se ela diz que é o clima!

- Fala-se de clima, mas isso não significa nada.

- As crises de malária.

- Há o quinino...

Cinco ou seis frases são então trocadas sobre as doses respectivas de quinino necessárias nas diferentes zonas tropicais, conforme a altitude, a latitude e a proximidade do mar, a presença de lagunas, *etc.* Depois Franck volta aos efeitos prejudiciais que o quinino produz na heroína do romance africano que A... está lendo. Faz em seguida alusão - pouco clara para quem nem sequer folheou o livro - ao comportamento do marido, culpado de negligência pelo menos segundo a opinião dos dois leitores. A frase termina com “saber esperar”, ou “o que esperar”, ou “vê-la chegar”, “lá no quarto”, “o negro está cantando”, ou outra coisa qualquer.

Mas Franck e A... já estão longe. Trata-se agora de uma jovem branca - será a mesma de ainda agora, ou então sua rival, ou alguma figura secundária? - que concede seus favores a um nativo, talvez a vários. Franck parece fazer-lhe críticas: - Mesmo assim - diz ele -, dormir com negros...

A... volta-se para ele, levanta o queixo, pergunta com um sorriso: - Ora essa, por que não?

Franck sorri por sua vez, mas não responde nada, como se estivesse constrangido pelo tom que toma o diálogo deles - na presença de um terceiro. O movimento de sua boca termina num sorriso forçado.

A voz do motorista deslocou-se. Ela chega agora apenas pelo lado leste; vem provavelmente dos barracões, à direita do pátio grande.

A letra assemelha-se tão pouco, no momento, ao que se convencionou chamar uma canção, uma queixa, uma endecha, um refrão, que o ouvinte ocidental tem o direito de perguntar a si mesmo se não se trata de uma coisa totalmente diversa. Os sons, apesar das evidentes repetições, não parecem ligados por nenhuma lei musical. Não há uma ária, em suma, não há melodia, ritmo. Dir-se-ia que o homem contenta-se em emitir fragmentos sem continuação para acompanhar seu trabalho.

Segundo as instruções que recebeu naquela manhã mesma, esse trabalho deve ter como objetivo a impregnação dos troncos novos com uma solução inseticida, para protegê-los contra a ação dos cupins, antes de colocá-los no lugar.

- Sempre a mesma coisa - diz Franck.

- Ainda os problemas mecânicos?

- O carburador, desta vez... Todo o motor terá de ser trocado.

No corrimão da balaustrada, uma lagartixa mantém-se, desde o seu aparecimento, numa imobilidade absoluta: a cabeça pendida para o lado na

direção da casa, o corpo e a cauda desenhando um S de curvas achatadas. O animal parece empalhado.

- Ele tem uma bela voz, esse rapaz - diz A..., depois de um silêncio bastante longo.

Franck recomeça: - Partiremos bem cedo.

A... pede esclarecimentos. Franck os dá e procura saber se é cedo demais para sua passageira.

- Ao contrário - diz ela -, é muito divertido.

Bebem em pequenos goles.

- Se tudo correr bem - diz Franck -, poderemos estar na cidade lá pelas dez horas e ter algum tempo antes do almoço.

- Certamente, eu também prefiro - responde A... cujo rosto ficou sério.

- Em seguida, não me será demais toda a tarde para terminar minhas visitas aos diversos agentes; e saber também a opinião do mecânico aonde sempre vou, Robin, você sabe, à beira-mar.

Voltaremos logo depois do jantar.

As explicações que ele dá sobre o emprego do tempo futuro para essa viagem à cidade seriam mais naturais se satisfizessem alguma pergunta de um interlocutor. Mas ninguém manifestou o menor interesse, hoje, sobre a compra de seu caminhão novo. Mais um pouco, e ele relataria em voz alta - muito alta - os detalhes de seus deslocamentos e de suas entrevistas, metro a metro, minuto a minuto, apoiando-se em cada caso nas necessidades de seu sedã. A..., em compensação, não faz o menor comentário quanto às suas compras, embora a duração global do tempo seja a mesma.

Franck está novamente presente para o almoço, loquaz e afável. Christiane não o acompanhou desta vez. Eles quase brigaram, na véspera, a propósito da forma de um vestido.

Depois da exclamação habitual sobre a sensação relaxante provocada pela cadeira, Franck começa a contar, com muitos detalhes, uma história de carro enguiçado. É o sedã que está em causa, e não o caminhão; ora, ainda quase novo, ele não causa problemas freqüentes ao seu proprietário.

Este devia, naquele momento, fazer uma alusão ao incidente análogo que ocorreu na cidade quando de sua viagem com A..., incidente sem gravidade, mas que provocou um atraso de uma noite inteira na volta deles à fazenda. A associação seria mais do que normal. Franck abstém-se de fazê-la.

A... examina seu vizinho com uma atenção maior, há vários segundos, como se esperasse uma frase prestes a ser pronunciada. Mas também ela nada diz, e a

frase não vem. Aliás, eles não voltaram mais a falar daquele dia, daquele acidente, daquela noite - pelo menos, quando não estão sozinhos.

Franck recapitula agora a lista das peças que serão desmontadas para o exame completo do carburador. Desincumbe-se desse inventário com uma preocupação de exatidão que o obriga a mencionar uma porção de elementos que são óbvios; ele chega até a descrever a retirada de um parafuso, volta a volta, e a mesma coisa, em seguida, para a operação inversa.

- Você parece muito entendido em mecânica, hoje - diz A...

Franck cala-se bruscamente, bem no meio de seu discurso. Olha para os lábios e os olhos, à sua direita, nos quais um sorriso tranqüilo, como que desprovido de sentido, parece ter sido eternizado por um clichê fotográfico. Sua boca fica entreaberta, talvez mesmo na metade de uma palavra.

- Em teoria, quero dizer - esclarece A... sem se afastar do tom mais amável.

Franck desvia os olhos para a balaustrada vazada, os últimos restos de pintura cinza, a lagartixa empalhada, o céu imóvel.

- Estou começando a me habituar - diz ele - com o caminhão. Todos os motores se parecem.

O que, evidentemente, não é verdade. O motor de seu caminhão grande, em particular, tem poucos pontos em comum com o de seu carro americano.

- Exatamente - diz A... - É como as mulheres.

Mas Franck parece não ter ouvido. Mantém os olhos fixos na lagartixa cinza-rósea, à frente dele, cuja pele mole, sob o maxilar inferior, pulsa imperceptivelmente.

A... termina o seu copo de água gaseificada dourada, coloca-o vazio sobre a mesa e volta a acariciar, com a ponta de seus seis dedos, os três grandes pregos de cabeça arqueada que guarnecem cada barra de sua cadeira.

Em seus lábios fechados flutua um semi-sorriso de serenidade, de sonho, ou de ausência. Como é imutável e de uma regularidade demasiado acabada, bem pode ser falso, encomendado, mundano ou mesmo imaginário.

A lagartixa, no corrimão de apoio, está agora na sombra; suas cores tornaram-se sombrias. A sombra projetada pelo telhado coincide exatamente com os contornos da varanda: o sol está no zênite.

Franck, vindo de passagem, declara que não quer atrasar-se mais. Levanta-se com efeito de sua cadeira e coloca na mesa baixa o copo que acabou de esvaziar de um trago. Pára, antes de entrar no corredor que atravessa a casa; dá meia-volta, para cumprimentar seus anfitriões. O mesmo sorriso forçado, apenas mais rápido, passa de novo pelos seus lábios. Ele deixa a cena, indo para dentro.

A... não se levantou. Continua estirada em sua cadeira, com os braços estendidos sobre os descansos e os olhos arregalados frente ao céu vazio. Ao lado dela, junto da bandeja com duas garrafas e o balde de gelo, repousa o romance emprestado por Franck, que ela lê desde a véspera, romance cuja ação se desenrola na África.

No corrimão da balaustrada, a lagartixa desapareceu, deixando em seu lugar um resto de pintura cinza que tem uma forma muito parecida: um corpo estirado no sentido das fibras da madeira, uma cauda torcida duas vezes, quatro patas bem curtas e a cabeça voltada para a casa.

Na sala de refeições, o copeiro colocou apenas dois pratos sobre a mesa quadrada: um diante da porta aberta da copa e do aparador comprido, o outro do lado das janelas. É ali que A... se senta, de costas para a luz. Ela come pouco, segundo seu hábito. Durante quase toda a refeição, fica sem se mexer, muito ereta na cadeira, envolvendo com as duas mãos de dedos afilados um guardanapo tão branco quanto a toalha, de olhos postos nos restos acastanhados da lacraia esmagada, que marcam a pintura nua à sua frente.

Seus olhos são muito grandes, brilhantes, verdes, bordados de cílios longos e curvos. Parecem apresentar-se sempre de frente, mesmo quando o rosto está de perfil. Ela os mantém constantemente bem abertos, em todas as circunstâncias, sem nunca bater as pálpebras.

Depois do almoço, ela volta para sua cadeira, no centro da varanda, à esquerda da cadeira vazia de Franck. Pega o seu livro, que o copeiro deixou sobre a mesa ao tirar a bandeja; procura o lugar onde a sua leitura foi interrompida pela chegada de Franck, mais ou menos no primeiro quarto da história. Mas, depois de encontrar a página, ela coloca o volume aberto, de bruços, em seu colo, e fica ali sem nada fazer, recostada nas tiras de couro.

Do outro lado da casa ouve-se um caminhão carregado que desce a estrada principal, em direção ao fundo do vale, à planície e ao porto - onde o navio branco está amarrado ao longo do cais.

A varanda está vazia, toda a casa também. A sombra projetada do alto do telhado coincide exatamente com os contornos da varanda: o sol está no zênite. A casa não lança mais a menor sombra sobre a terra do jardim, recém-lavrada. O tronco das finas laranjeiras, igualmente, está fixo num lugar.

Não é o barulho do caminhão que se ouve, e sim o de um sedã, que desce o caminho, vindo da estrada principal em direção à casa, No espaço esquerdo, aberto, da primeira janela da sala de refeições, no centro do quadrado mediano, a imagem refletida do carro azul pára no meio do pátio. A... e Franck descem ao

mesmo tempo, ele de um lado, ela de outro, pelas duas portas da frente. A... traz na mão um embrulho muito pequeno, de forma incerta, que se apaga completamente por um instante, absorvido por uma falha do vidro.

As duas personagens aproximam-se logo uma da outra, frente ao capô do carro. A silhueta de Franck, mais maciça, esconde totalmente a de A..., que está por trás, na trajetória do mesmo raio. A cabeça de Franck inclina-se para a frente.

As irregularidades do vidro falseiam os detalhes dos gestos. As janelas do salão dariam, do mesmo espetáculo, uma visão direta e de um ângulo mais cômodo: as duas personagens colocadas uma ao lado da outra.

Mas eles já se separaram, caminhando lado a lado na direção da porta de entrada da casa, sobre o chão pedregoso do pátio. A distância entre eles é de um metro, pelo menos. Sob o sol a pino do meio-dia, eles não projetam nenhuma sombra a seus pés.

Sorriem ao mesmo tempo, com o mesmo sorriso, quando a porta se abre. Sim, estão bem. Não, não tiveram nenhum acidente, apenas um pequeno problema de motor que os forçou a passar a noite no hotel, esperando a abertura de uma oficina.

Depois de um rápido aperitivo, Franck, que tem muita pressa de ver sua mulher, levanta-se e sai, com o terno branco amassado pela viagem. Seus passos ressoam nas lajes do corredor.

A... retira-se imediatamente para seu quarto, toma um banho, muda de vestido, almoça com bom apetite, volta a sentar-se na varanda, sob a janela do escritório, cujas gelosias, abaixadas em três quartos de sua altura, deixam ver apenas o alto de seus cabelos.

A noite a encontra na mesma posição, na mesma cadeira, ante a mesma lagartixa de pedra cinza. A única diferença é que o copeiro colocou a quarta cadeira, a que é menos confortável, feita de lona estendida sobre tubos metálicos. O sol escondeu-se atrás do pico rochoso em que termina, a oeste, a projeção mais avançada do platô.

A luz decresce rapidamente. A..., que já não vê com clareza suficiente para continuar sua leitura, fecha o romance e o coloca sobre a mesinha, ao seu lado (entre os dois grupos de cadeiras: o par delas que está encostado à parede, sob a janela, e as duas outras, diferentes, colocadas de lado, mais perto da balaustrada).

Para marcar a página, a beirada da sobrecapa plastificada que protege o livro foi dobrada para dentro do livro, mais ou menos no primeiro quarto de sua

grossura.

A... pergunta o que há de novo, hoje, na fazenda. Não há nada de novo. Há apenas, sempre, os pequenos incidentes da plantação que se reproduzem periodicamente, numa ou noutra coisa, dependendo do ciclo das operações. Como as áreas plantadas são numerosas e o conjunto é dirigido de maneira a escalonar a colheita pelos doze meses do ano, todos os elementos do ciclo ocorrem ao mesmo tempo, a cada dia, e os pequenos incidentes periódicos repetem-se também todos ao mesmo tempo, aqui ou ali, cotidianamente.

A… cantarola uma música de dança, cujas palavras permanecem ininteligíveis. Talvez seja uma canção da moda, que tenha ouvido na cidade, ao ritmo da qual talvez tenha dançado.

A quarta cadeira era supérflua: ela permanece vazia toda a noite, isolando ainda um pouco mais a terceira cadeira de couro das outras duas. Franck, com efeito, veio sozinho. Christiane não quis abandonar a criança, que tinha um pouco de febre. Não é raro, agora, que seu marido chegue assim sem ela, para jantar. Esta noite, porém, A... parecia esperá-la; pelo menos, mandou colocar quatro pratos. Dá ordem de retirar logo aquele que não deve servir.

Embora seja agora noite escura, ela pediu que os lampiões não fossem trazidos, pois - diz ela atraem mosquitos. Apenas se adivinham, na escuridão total, as manchas mais claras formadas por um vestido, uma camisa branca, uma, duas e logo quatro mãos (os olhos se vão acostumando à falta de luz).

Ninguém fala. Nada se move. As quatro mãos estão alinhadas em ordem, paralelamente à parede da casa. Do outro lado da balaustrada, na direção da encosta, há apenas o céu sem estrelas e o ruído ensurdecedor dos grilos.

Durante o jantar, Franck e A... fazem o projeto de irem à cidade juntos, num dia próximo, para tratar de seus negócios diferentes. A conversação volta para essa possível viagem, depois da refeição, enquanto eles tomam café na varanda.

O grito mais violento ”de um animal noturno assinala uma presença bem próxima, no próprio jardim, no ângulo sudeste da casa. Franck levanta-se com um movimento rápido e dirige-se a passos largos para esse lado; as solas de borracha não fazem nenhum barulho sobre as lajes. Em poucos segundos, a camisa branca desapareceu completamente na obscuridade.

Como Franck não diz nada e demora a voltar, A..., crendo sem dúvida que ele percebe alguma coisa, também se levanta, flexível, silenciosa, e se afasta na mesma direção. Seu vestido é também engolido pela noite opaca.

Depois de um tempo bastante longo, não foi ainda pronunciada nenhuma palavra em voz bastante alta para atravessar uma distância de dez metros.

Poderia até mesmo não haver mais ninguém naquela direção.

Franck, agora, já partiu. A... retirou-se para seu quarto. O interior deste está iluminado, mas as gelosias estão bem fechadas: filtram-se apenas entre as lâminas, aqui e ali, magros traços de luz.

O grito mais violento de um animal, agudo e breve, ressoa de novo no jardim, lá embaixo, ao pé da varanda. Mas desta vez é do lado oposto, correspondente ao quarto, que o sinal parecia vir.

É impossível, evidentemente, distinguir alguma coisa, mesmo forçando ao máximo os olhos, com o corpo inclinado para fora por sobre a balaustrada, contra a pilastra quadrada, a coluna que sustenta o ângulo sudoeste do telhado.

Agora, a sombra da coluna projeta-se sobre as lajes, através da parte central da varanda, diante do quarto de dormir. A direção oblíqua do traço de sombra indica, quando prolongado até a parede, o risco avermelhado que escorreu ao longo da parede vertical, a partir do canto direito da primeira janela, a mais próxima do corredor.

Seria preciso um metro, aproximadamente, para que a sombra da coluna, que não obstante já é muito comprida, alcance a pequena mancha redonda sobre o lajeado. Deste parte um fino risco vertical, que adquire importância à medida que escala o embasamento de cimento. Ele sobe de novo à superfície da madeira, de ripa em ripa, alargando-se cada vez mais até o peitoril da janela. Mas a progressão não é constante: a disposição imbricada das tábuas corta o percurso com uma série de saliências eqüidistantes, nas quais o líquido se espalha mais, antes de continuar sua ascensão. No próprio peitoril, a pintura escamou-se em grande parte, depois que o líquido escorreu, apagando três quartas partes do traço vermelho.

A mancha continua ali, na parede. Não se pensa em repintar, no momento, senão as gelosias e a balaustrada - esta última, de amarelo-vivo. Assim decidiu A...

Ela está em seu quarto, cujas duas janelas ao sul foram abertas. O sol, muito baixo no céu, já esquenta muito menos; e quando, antes de desaparecer, ele iluminar diretamente a fachada, será apenas por alguns instantes, sob uma incidência rasante, com raios totalmente destituídos de força.

A... permanece imóvel, de pé ante a escrivaninha; ela está voltada para a parede; apresenta-se portanto de perfil no vão aberto da janela. Está relendo a carta recebida da Europa pelo último correio. O envelope aberto forma um losango branco sobre a mesa envernizada, perto da pasta de couro e da caneta com tampa de ouro. A folha de papel, que ela abre segurando-a com as duas

mãos, tem ainda bem nítidas as marcas das dobras.

Terminada a leitura, no fim da página, A... coloca a carta ao lado do envelope, senta-se na cadeira, abre a pasta. Do bolso maior desta retira uma folha de papel, do mesmo formato mas virgem, que coloca sobre o mata-borrão verde preparado para essa finalidade. Retira então a tampa da caneta e inclina a cabeça para escrever.

Os anéis de cabelos negros e brilhantes, soltos sobre os ombros, tremem ligeiramente enquanto a pena avança. Embora nem o próprio braço, nem a cabeça, sejam agitados pelo menor movimento, a cabeleira, mais sensível, capta as oscilações do punho, amplifica-as, traduzindo-as em frêmitos inesperados que adquirem reflexos ruivos de alto a baixo da massa movediça.

As propagações e as interferências continuam a fazer seu jogo, enquanto a mão parou. Mas a cabeça se ergue e começa a girar, lentamente, sem movimentos bruscos, na direção da janela aberta. Os olhos grandes sustentam sem pestanejar essa passagem para a luz direta que vem lá de fora.

Lá embaixo, no fundo do vale, frente à área cultivada em forma de trapézio, onde os raios oblíquos do sol recortam cada penacho, cada folha de bananeira, com uma clareza extrema, a água do riacho mostra uma superfície enrugada, que evidencia a rapidez da corrente. É necessária essa luz de fim de dia para pôr assim em relevo os sucessivos ziguezagues, as cruzes, as hachuras, desenhados pelas múltiplas linhas que se entrecruzam. A correnteza rola, mas a superfície permanece como que congelada nessas linhas imutáveis.

Também o brilho é fixo e dá ao lençol líquido um aspecto mais transparente. Mas não há ninguém para julgar de perto, da ponte, por exemplo. Ninguém é visível, também, nas proximidades. Nenhuma turma tem trabalho nesse setor, no momento. A jornada de trabalho, aliás, terminou.

Na varanda, a sombra da coluna alongou-se ainda mais.

Ao mesmo tempo, desviou-se. Quase atinge agora a porta de entrada, que marca o meio da fachada. A porta está aberta. Os ladrilhos do corredor estão ornados de hachuras em ziguezagues, comparáveis às do riacho, embora mais regulares.

O corredor leva diretamente à outra porta, a que dá para o pátio de chegada. O grande carro azul parou no centro. A passageira desce e dirige-se logo para a casa, sem ser incomodada pelo chão pedregoso, apesar de seus sapatos de saltos altos. Ela foi visitar Christiane, e Franck a trouxe de volta.

Ele está sentado em sua cadeira, sob a primeira janela do escritório. A sombra da coluna avança em direção a ele: depois de ter atravessado em diagonal mais

de metade da varanda, atravessado o quarto em toda a sua largura e ultrapassado a porta do corredor, ela chega, agora, até a mesa baixa onde A... acaba de colocar seu livro. Franck faz apenas uma breve parada antes de voltar para casa, tendo ele também concluído sua jornada.

É quase hora do aperitivo e A… não esperou mais para chamar o copeiro, que surge no canto da casa, trazendo a bandeja com as duas garrafas, três grandes copos e o balde de gelo. O caminho que ele percorre, sobre os ladrilhos, é mais ou menos paralelo à parede e converge com o traço de sombra ao nível da mesa, redonda e baixa, onde coloca a bandeja com precaução, perto do romance de capa plastificada.

É este último que proporciona o assunto da conversação. À parte as complicações psicológicas, trata-se de um relato clássico sobre a vida colonial, na África, com a descrição de furacão, revolta indígena e histórias de clube. A... e Franck falam dele com animação, enquanto bebem em pequenos goles a mistura de conhaque e água gaseificada servida pela dona da casa, nos três copos.

A personagem principal do livro é um funcionário da alfândega. A personagem não é um funcionário, mas um alto funcionário de uma velha companhia comercial. Os negócios dessa companhia são suspeitos, evoluem rapidamente para a trapaça. Os negócios da companhia são muito bons. A personagem principal - sabe-se - é desonesta. Ele é honesto, procura reparar uma situação comprometida pelo seu antecessor, morto num acidente de carro. Mas ele não teve antecessor, pois a companhia é de criação bem recente; e não foi um acidente. Trata-se, aliás, de um navio (um grande navio branco) e não de um carro.

Franck, a propósito disso, põe-se a contar um caso pessoal de caminhão enguiçado. A..., como exige a cortesia, interessa-se pelos detalhes, mostrando a atenção que dá ao convidado, que logo se levanta e se despede, a fim de voltar para a sua própria fazenda, um pouco mais para o leste.

A... inclina-se na balaustrada. Do outro lado do vale, o sol ilumina com seus raios horizontais as árvores isoladas que se espalham pelo mato, além da zona cultivada. Suas sombras muito compridas marcam o terreno com grossos traços paralelos.

O riacho, no fundo do vale, escurece. A encosta norte já não recebe nenhuma luz. O sol, a oeste, escondeu-se atrás do pico rochoso. Contra a luz, o recorte do paredão de pedra destaca-se com precisão, por um instante, contra um céu violentamente iluminado: uma linha abrupta, levemente curva, que se junta ao

platô por uma saliência em ponta aguda, seguido de uma segunda saliência menos acentuada.

Muito depressa, o fundo luminoso tornou-se mais escuro. No flanco do vale, os penachos das bananeiras apagam-se ao crepúsculo.

São seis e meia.

A noite negra e o barulho ensurdecedor dos grilos estendem-se de novo, agora, sobre o jardim e a varanda, à volta de toda a casa.

FIM